Cães & Gatos

MEDICINA VETERIN

DC7 COMUNICA

Ano 42
nº 327
Nov/2026

www.caesegatos.com.br

ENTREVISTA
NATÁLIA BARROS DOS SANTOS
MOSTRA O QUE O DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA TEM A ENSINAR AOS MÉDICOS-VETERINÁRIOS

ESPECIAL NOVEMBRO AZUL
OS ASPECTOS DA HIPERPLASIA PROSTÁTICA BENIGNA

FELINOS
SARCOPENIA EM GATOS



HOMEOPATIA VETERINÁRIA

UMA ABORDAGEM QUE **CONSIDERA O PACIENTE EM SUA TOTALIDADE** E BUSCA COMPREENDER AS PARTICULARIDADES DE CADA ANIMAL

DA CLÍNICA À CASA

Gliocide®

FÓRMULA SUPERIOR NA NEUTRALIZAÇÃO DE ODORES

COM GLIOXAL

ELIMINA FUNGOS E BACTÉRIAS **SEM DEIXAR RESÍDUOS.**



Adeus mau odor
Ação superior na neutralização de odores, sem deixar resíduos

Eficácia comprovada
Atua contra os principais micro-organismos patogênicos

Versatilidade no uso
Diluição prática e fácil aplicação



Syntec
SAÚDE ANIMAL

DC7 COMUNICA

Cães & Gatos

FUNDADOR
Osvaldo Penha Ciasulli (MtB. 32.517)
osvaldo@dc7comunica.com.br

CEO
Diogo Ciasulli
diogo@dc7comunica.com.br

DIRETORA DE NEGÓCIOS
Jaqueline Ridolfi
jaqueline@dc7comunica.com.br

GERENTE DE COMUNICAÇÃO
Danielle Assis (MtB: 83.299)
danielle@dc7comunica.com.br

REPÓRTER WEB
Stéfani Campos Chagas (MtB: 93.684)
stefani@dc7comunica.com.br

EDITOR DE ARTE
Daniel Guedes (MtB. 33.657)
daniel@dc7comunica.com.br

SOCIAL MEDIA
Ivie Martins de Oliveira
ivie@dc7comunica.com.br

MARKETING E EVENTOS
Raiane Modesto
raiane@dc7comunica.com.br

TRÁFEGO E ADMINISTRATIVO
Cátia Politti
adm@dc7comunica.com.br

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO
Ana Falcão Gierlich, Ana Purchio, CRMV-SP, Diego Mendes, Erika Pereira, Franciele Pavei, Jessika Caroline Ferreira da Silva, José Luiz Tejon, Monique Paludetti, Paula Diniz Galera, Paulo Abilio Varella Lisboa, Paulo Maiorka, Raquel Naomi Tanaka Scaduto, Thais Ximenes e Thomas Timm

CIRCULAÇÃO DIRIGIDA

A Revista Cães&Gatos (ISSN 0103-278X) é uma publicação brasileira e mensal. Seu conteúdo editorial é focado na profissionalização do mercado pet. Os artigos assinados não expressam necessariamente a opinião dos editores. Não é permitida a reprodução parcial ou total dessa publicação, por qualquer meio, sem prévia autorização da editora, sob as penas de Lei registrada no Regime Especial DRT-1 nº 011391/90.

Periodicidade: Mensal

PRINTED WITH SOY INK®

FSC www.fsc.org
MISTO
Papel produzido a partir de fontes responsáveis
FSC® C104329

UM OLHAR ÚNICO PARA CADA PACIENTE

A Medicina Veterinária está se especializando cada vez mais, um movimento positivo que visa aprimorar os cuidados com os animais. Entre as áreas que já são reconhecidas como especialidades está a Homeopatia Veterinária.

Com um surgimento que data da década de 1950, a Homeopatia tem uma forma única de compreender e individualizar os pacientes e é o tema da matéria de capa desta edição.

Neste tipo de abordagem, mais do que chegar a um diagnóstico clínico, o intuito é entender como uma enfermidade se manifesta no indivíduo e, assim, instituir o tratamento. Por isso, não é incomum que dois animais com a mesma doença recebam tratamentos homeopáticos diferentes.

O principal diferencial, porém, não é esse. Na prática, a Homeopatia Veterinária pode ser utilizada no manejo de diferentes condições clínicas, inclusive em alterações dermatológicas, comportamentais e oncológicas.

Ainda na edição de novembro, preparamos pautas que estão em sinergia com os acontecimentos e datas mais recentes da Medicina Veterinária. Em celebração ao Dia da Consciência Negra, na entrevista do mês você confere uma análise sobre os preconceitos e dificuldades enfrentadas por negros na profissão.

Já em alusão à campanha Novembro Azul Pet, trouxemos todos os detalhes da hiperplasia prostática benigna, uma condição comum especialmente em cães não castrados com mais de nove anos de idade.

Outros temas que compõem esta edição são: sarcopenia em gatos, gestão de estoque e o uso dos bloqueios regionais para manejo de dor.

Boa leitura!



Jaqueline Ridolfi
Diretora Comercial e Editorial

» NO MIOLO

| PETBUSINESS

8 › GESTÃO DE ESTOQUE
Um gargalo financeiro ainda negligenciado pelos gestores

| RADAR PET

19 › LABYES
Empresa celebra um ano de Labyderm durante congresso de Dermatologia Veterinária
25 › MBRF PET
GranPlus Performance, nova linha Super Premium da MBRF PET, acompanha o cão desde filhote até a senioridade
26 › BIOVET
Biovet lança Ateno com foco em controle de êmese em cães e gatos

| ZOOM

30 › MÊS DA SAÚDE ÚNICA
Uma só saúde, um só chão

| VETERIANÊS

16 › NOVEMBRO AZUL PET
Prevenção começa no diagnóstico precoce
20 › HOMEOPATIA VETERINÁRIA
Um olhar individualizado para cada paciente
34 › TÉCNICAS ANALGÉSICAS
Bloqueio regional para manejo de dor em cães e gatos
38 › FELINOS
Como enfrentar a sarcopenia felina

| OUTROS AUTORES

33 › AVERT
Ômega-3 com origem rastreável - o que a certificação acrescenta à linha Ograx
42 › DA CONCEPÇÃO AO NASCIMENTO
O papel da nutrição materna no desenvolvimento de cães e gatos
54 › PET SILVESTRE
Os desafios do bem-estar animal em zoológicos

| PETFOOD

46 › FS
HPDDG: fonte de proteína do milho na nutrição pet
48 › PROTEÍNAS HIDROLISADAS
O que importa além da quebra?
50 › PREMIERPET
Nattu Wild une nutrição natural e conservação da biodiversidade

| COBERTURA

53 › ABHV
Entidade reúne público recorde e reforça a importância da gestão veterinária

| PONTO FINAL

58 › MICROPLÁSTICOS
Estudo detecta partículas plásticas em tecidos reprodutivos de gatos



| SEÇÕES

› Editorial **3**
› On-line **6**
› Boletim Paulista **7**
› Marketing **15**
› CBOV **29**
› Guia Jurídico **40**
› Geriatria Veterinária **41**
› Mercado **44**
› ABBEA **52**
› Tejon **57**

ENTREVISTA

NATÁLIA BARROS DOS SANTOS

Mostra o que o Dia da Consciência Negra tem a ensinar aos médicos-veterinários



Cushing Care

Mais acesso ao tratamento e ao monitoramento.

Um programa Dechra que apoia médicos-veterinários na jornada de cuidado de cães com Síndrome de Cushing.



Ciência para mais vida juntos.

Para os seus pacientes

Condições especiais para facilitar o acesso ao Vetoryl®.

Para você

Benefícios que auxiliam o monitoramento com Cosacthen® e a continuidade do tratamento.



Acesse o site e saiba mais sobre **Cushing Care.**

Especialista em Endocrinologia

Dechra

Stéfani Campos Chagas, da redação | **stefani@dc7comunica.com.br**



OUTUBRO EM PAUTA: CIÊNCIA E HISTÓRIAS QUE MOBILIZARAM O UNIVERSO PET

OUTUBRO foi marcado por debates sobre saúde animal, comportamento, inovação e transformações no mercado veterinário. Durante o mês, a **Cães&Gatos** reuniu temas de interesse para responsáveis e profissionais, com atenção às novidades e às questões que impactam a rotina clínica.

Entre as datas comemorativas estiveram o Dia Mundial dos Animais, o Dia da Adoção Animal, o Dia do Pet Sitter e o Dia Nacional de Prevenção à Obesidade Pet. As pautas também abordaram o Outubro Rosa, com foco na prevenção do câncer de mama, além de temas relacionados à saúde e ao bem-estar animal.

Ao longo do mês, ganharam espaço discussões sobre mudanças na cor do nariz dos pets, a qualidade do sono, a Cistite Idiopática Felina, o envelhecimento e os custos de medicamentos veterinários. Outros conteúdos exploraram a relação dos animais com as pessoas, a desinformação digital e os cuidados com pets não convencionais.

Na agenda de eventos, o portal acompanhou o 3º Congresso Brasileiro de Dermatologia Veterinária, a 6ª Convenção da ABHV, o 2º Workshop de Nutrição Geriátrica Veterinária – Edição Sarcopenia, o Medvep 4 em 1 e o Vet Connection, ampliando a cobertura de discussões científicas e tendências do setor.

Nas redes sociais, destacaram-se conteúdos sobre os impactos da reforma tributária no preço de medicamentos veterinários e os desafios enfrentados por gatos pretos na adoção.

Outubro reforçou o compromisso da **Cães&Gatos** com uma cobertura que conecta ciência, mercado e comportamento, levando informação relevante aos diferentes públicos do universo pet.

Entre os conteúdos que mais engajaram os leitores em outubro, destacam-se:

1 É COISA DA IDADE? 7 MUDANÇAS EM CÃES E GATOS IDOSOS QUE MERECEM ATENÇÃO

Médico-veterinário explica por que sinais como hesitação para caminhar, oscilações no peso, desvios no padrão de sono, apatia e alterações gastrointestinais não devem ser normalizados como reflexos da velhice, exigindo investigação clínica precoce e manejo terapêutico individualizado.

2 DONA DE HOTEL PARA PETS EXPLICA AGRESSÃO A CÃO FLAGRADA EM VÍDEO

Proprietária do espaço em Bonito (MS) afirmou ter agredido o Pastor-Australiano para tentar salvar um Yorkshire que acabou morrendo, enquanto o responsável do cão contesta a narrativa, aponta falta de marcas de sangue e questiona a ausência de comunicação imediata.

3 MURO ADAPTADO COM CAMAS SUSPENSAS E TELHADO GARANTE PROTEÇÃO PARA GATOS COMUNITÁRIOS EM UBATUBA

Sem espaço no interior da residência, família em Ubatuba (SP) adapta muro externo com camas suspensas e telhados protetores, garantindo refeições três vezes ao dia, abrigo contra intempéries e controle veterinário contínuo com castração e vermifugação para os gatos comunitários.

Foto: banco de imagens C&G



II Reunião de Presidentes de Comissões

O CRMV-SP realizou, no dia 20 de outubro, a II Reunião dos Presidentes de Comissões Técnicas e Grupos de Trabalho, encontro voltado ao alinhamento das atividades, à troca de experiências e ao fortalecimento da atuação desses grupos no Conselho.

A reunião permitiu compartilhar iniciativas e discutir ações relacionadas ao trabalho desenvolvido pelas comissões e pelos grupos de trabalho. Entre os temas abordados estiveram os novos fluxos administrativos do Conselho, estabelecidos pela Portaria nº 57/2026, o planejamento estratégico para 2027 e a possibilidade de acordo com a pós-graduação da Universidade de São Paulo (USP).

Também foram discutidas as atividades recentes, incluindo a participação em eventos, contribuições para projetos de lei e consultas públicas, treinamentos de fiscais e elaboração de materiais técnicos educativos.

A atuação das comissões técnicas e dos grupos de trabalho contribui para embasar as decisões da Diretoria do CRMV-SP com conhecimento especializado.



Destaques Regionais em Taubaté e Botucatu

O CRMV-SP realiza, em novembro, duas edições do projeto Destaque Regional, iniciativa que aproxima o Conselho dos médicos-veterinários e zootecnistas de diferentes regiões do estado de São Paulo. Os encontros serão realizados em Taubaté, no dia 18 de novembro, e em Botucatu, no dia 24 de novembro, com assuntos voltados ao reconhecimento de profissionais que contribuem para o desenvolvimento da Medicina Veterinária e da Zootecnia.

A programação do evento contempla palestras técnicas e a participação da Diretoria, promovendo a atualização profissional, a troca de conhecimentos e o diálogo com a categoria.

Os eventos também incluem cerimônias de premiação em categorias que reconhecem diferentes perfis e trajetórias profissionais, valorizando as contribuições para as áreas de atuação.

Mais informações sobre a programação, inscrições e categorias para a premiação, acesse o site institucional do Conselho: **www.crmvsp.gov.br.**

Simpósio sobre saúde mental de profissionais que atuam com grandes animais

NO DIA 25 DE NOVEMBRO, o CRMV-SP promove o Simpósio para Profissionais que Atuam com Grandes Animais, com programação on-line das 18h às 22h. O evento abordará questões relacionadas à saúde mental, aos desafios emocionais da rotina profissional e às estratégias de cuidado para promover o bem-estar de quem trabalha na área.

A programação contará com palestras sobre os desafios emocionais no trabalho com grandes animais, os impactos do isolamento e da solidão no campo, estratégias de prevenção do esgotamento e formas de aumentar a eficiência e reduzir a sobrecarga de trabalho.

Os encontros serão conduzidos pelas psicólogas Bianca Gresele e Karina Simão, pelo psicólogo Eduardo Monteiro, além do médico-veterinário Rodrigo Cavalcanti.

As inscrições e o evento serão realizados de forma on-line. Mais informações estão disponíveis em **www.crmvsp.gov.br.**

Fotos: divulgação

GESTÃO DE ESTOQUE

UM GARGALO FINANCEIRO AINDA NEGLIGENCIADO PELOS GESTORES

› DANIELLE ASSIS
danielle@dc7comunica.com.br

A lista de insumos utilizados no dia a dia das clínicas e hospitais veterinários é longa. Em apenas um atendimento é possível usar desde seringas e agulhas até vacinas e medicamentos controlados. Por isso, manter um estoque ajustado é fundamental.

No entanto, mais importante do que repor materiais é realizar uma gestão de estoque assertiva, que inclui não apenas comprar novos itens, mas também avaliar o que está em falta, em excesso e até vencendo na prateleira sem uso.

De acordo com Thomas Marzano, médico-veterinário com certificação pela Ohio University, nos Estados Unidos, que atua com gestão há mais de 20 anos e hoje é mentor de mais de 60 estabelecimento veterinários no Brasil, o estoque costuma ser o segundo ou terceiro maior custo de um estabelecimento veterinário e é o que menos se consegue controlar. "Cada real parado na prateleira é um real que saiu do caixa e ainda não voltou. Estoque bem gerido é liquidez e margem preservada, mal gerido é dinheiro morto disfarçado de organização", analisa.

Quando o estoque não é acompanhado de perto, alguns impactos podem ser sentidos diretamente no negócio. O primeiro deles é o capital mobilizado à toa, ou seja, gasta-se para adquirir o insumo e não há uso na prática que justifique o seu valor.

A perda por vencimento é outro erro comum, assim como a falta de itens em momentos nos quais eles são necessários, o que leva à compra emergencial, geralmente, por um preço mais alto.

"Todos esses aspectos impactam diretamente na rotina e na saúde financeira de clínicas e hospitais. Inclusive, em muitos casos, o assunto dei-



xa de ser financeiro e vira clínico. Faltar um medicamento numa emergência, usar um produto vencido por falta de controle ou perder uma remessa de vacinas e insulina porque a cadeia de frio quebrou coloca vidas em risco. Estoque desorganizado não é só prejuízo no bolso; é risco na mesa de atendimento", alerta o profissional.

ERROS RECORRENTES. Em muitos negócios da área, não há um responsável definido para cuidar do estoque. O problema é que nesses casos não ocorre um acompanhamento adequado dos insumos, o que pode levar a compras inadequadas e desperdícios.

Segundo Marzano, um erro comum no setor é comprar por "achismo" ou por preço, sem olhar a real necessidade.

O médico-veterinário também relata que é normal confundir estoque com fluxo de caixa, o que faz com que o gestor pense que produto na prateleira é patrimônio quando, na verdade, é dinheiro imobilizado. "Para finalizar, temos o principal erro, que chamo de pecado capital: não fazer inventário. Ninguém gere o que não mede", explica.

PRODUTOS E MATERIAIS QUE EXIGEM MAIOR ATENÇÃO NO CONTROLE DE ESTOQUE

- Medicamentos controlados, que possuem exigência legal de rastreabilidade;
- Biológicos e vacinas, que requerem armazenamento no frio;
- Anestésicos;
- Materiais cirúrgicos e implantes ortopédicos, que possuem preço mais alto;
- Itens de alto giro, que se faltarem param o atendimento.

"A regra é simples: atenção redobrada onde há valor alto e risco legal ou clínico", orienta o profissional.

O controle desses e outros insumos deve ser feito a partir de uma lógica pré-determinada para cada categoria.

Por exemplo, medicamentos controlados exigem registro rastreável e vinculação ao paciente, enquanto materiais e medicamentos de uso clínico precisam de baixa no estoque em conjunto com o procedimento ou setor em que foram utilizados. Para Thomas, o erro nesse momento é tratar tudo igual — ou controlar as entradas e saídas no caderninho e na memória.

PRINCIPAIS ALIADOS DO DESPERDÍCIO. Na prática, existem algumas categorias de insumos que costumam gerar mais perdas ou desperdícios.

Como exemplo, temos medicamentos de baixo giro, que acabam vencendo; produtos de limpeza e consumo, que são comprados em excesso; linha nutricional, que fica parada na prateleira; e os itens que "simplesmente somem".

Marzano cita que geralmente o desperdício mora justamente onde o gestor acha que economizou comprando.

Com isso, uma das maneiras de evitar perdas é utilizando a Regra do FEFO (First Expired, First Out ou, no português, Primeiro a Vencer, Primeiro a Sair).

"Para produtos com validade curta, prefira lotes menores e mais frequentes, mesmo pagando um pouco mais, pois sai mais barato do que jogar fora. Já para o que exige refrigeração, o controle de temperatura não é opcional, sendo importante o uso de termômetro, registro e alerta. Uma geladeira que oscila à noite inutiliza milhares de reais em biológicos sem ninguém perceber", afirma.

Também é necessário definir estoque mínimo e ponto de pedido item a item, levando em consideração o consumo real e o prazo do fornecedor.

Segundo Thomas, uma tática para isso é utilizar a curva ABC. Nela, os itens A merecem controle rígido e os C controle mais leve. "Com o sistema gerando alerta de reposição, se reduz o excesso e a ruptura ao mesmo tempo", pontua.

Outro ponto importante é que comprar em grandes quantidades para conseguir melhores preços nem sempre é vantajoso e, para o médico-veterinário, é uma das principais armadilhas.

Conforme explica, o desconto por volume só compensa se o produto for utilizado antes de vencer e se a econo- »

Foto: banco de imagens C8G

mia superar o custo do capital imobilizado. "Muita gente comemora 10% de desconto e não vê que travou o caixa por três meses e vai jogar metade fora. Desconto que vira encalhe não é economia, é prejuízo com nota fiscal bonita", analisa.

IMPACTO DIRETO NO FLUXO DE CAIXA. Muitos administradores não percebem, mas erros na gestão do estoque possuem impacto direto no fluxo de caixa de uma clínica ou hospital veterinário.

Todo produto parado na prateleira representa dinheiro que foi gasto e que não está pagando contas e nem rendendo.

"Com estoque inchado, é comum ver clínica lucrativa no papel e apertada no caixa porque o resultado virou prateleira. Toda perda consome diretamente a margem de lucro, que no nosso setor é apertado", analisa o profissional.

Uma boa forma de evitar essas perdas é acompanhando indicadores, que mostram se o estoque está saudável.

Entre eles está giro de estoque, percentual de perdas por vencimento, índice de ruptura, valor total imobilizado e a relação desse valor com o faturamento. "Quem acompanha só esses números já sai na frente de 90% do mercado, pois o que não se mede, não se gerencia", afirma.

Para identificar quais produtos se tornaram capital parado, é possível realizar um relatório de itens sem movimentação nos últimos 60 ou 90 dias. É nesses insumos que mora o dinheiro esquecido, e o que não tem saída precisa de decisão: seja promover, remanejar ou descontinuar.

Outra maneira de fazer um acompanhamento assertivo é automatizar a entrada e a saída de produtos do estoque. "Essa automatização reduz as perdas, mas há uma ressalva: sistema sem processo e sem disciplina de equipe não resolve nada. A automação elimina erros de digitação, controla validade e amarra saída ao atendimento, porém depende de todos fazerem a baixa corretamente. Software é ferramenta, não milagre — se a equipe não usa, o gestor apenas trocou o caderninho por uma tela bonita", orienta Thomas.

Com isso, é fundamental registrar corretamente a saída de medicamentos e insumos do estoque, especialmente aqueles utilizados em procedimentos e internações, pois é nesses setores que mais se perde dinheiro de forma silenciosa.



Thomas Marzano, médico-veterinário que atua com gestão há mais de 20 anos

Quando não existe baixa vinculada ao atendimento, o administrador não sabe seu custo real por procedimento, deixa de faturar itens que usou e ainda fica vulnerável a desvios. Portanto, registrar a saída não é burocracia, é o que separa uma clínica que sabe quanto ganha de uma que só acha que ganha.

INVENTÁRIO E REDUÇÃO DE PERDAS. Existem algumas formas de realizar o inventário do negócio. Contudo, Thomas defende o inventário rotativo, que consiste em contar os itens de maior valor e giro mensalmente, e os demais em ciclos. "O inventário completo deve ser feito, no mínimo, uma vez por ano, mas indico realizar um trimestral se a ideia é ter um controle efetivo. Esperar o ano inteiro para descobrir a diferença entre o sistema e a prateleira é a receita perfeita para grandes sustos", destaca.

Já a definição de estoque mínimo e máximo é considerada uma ferramenta importante não apenas na hora do inventário, mas também no dia a dia.

A quantidade mínima pode ser calculada a partir do consumo médio durante o prazo de entrega do fornecedor, considerando uma margem de segurança para oscilação e sazonalidade.

Por outro lado, a quantidade máxima evita que o excesso vire capital parado. "Entre os dois está o ponto de pedido, ou seja, o momento certo de comprar. Feito item a item, isso já organiza a compra de qualquer clínica", afirma.

Outra medida fundamental é escolher adequadamente os fornecedores, visto que eles são os responsáveis por mostrar o custo efetivo dos insumos.

Marzano relata que nessa hora deve-se observar confiabilidade de entrega, procedência, regularização dos produtos, qualidade, prazo de entrega, condições de pagamento e capacidade de atender uma urgência. O preço, sozinho, não deve ser considerado.

"O fornecedor mais barato que atrasa, obriga o gestor a manter um estoque de segurança maior, o que significa mais capital travado, ou deixa na mão no atendimento. Quando você soma esse custo escondido, muitas vezes o "mais caro" é o mais barato. Preço é o que você vê, custo é o que você paga de verdade", orienta. ◘

DICAS PARA UMA GESTÃO DE ESTOQUE ASSERTIVA

Antes de começar
Faça um inventário inicial para descobrir o que já existe no estoque. Sem esse ponto de partida, qualquer controle começa errado.

Defina um responsável
Determine qual colaborador ficará responsável pelo estoque. Além de cadastrar todos os itens disponíveis no sistema, essa pessoa também deve dar baixa de tudo que sai diariamente. O controle de estoque não se inicia com planilha sofisticada e sim com disciplina de registro.

Curva ABC
Use a curva ABC para definir prioridades e entender onde está o principal investimento.

Foto: divulgação

Linha ProbioUp®

O Up que faltava na saúde intestinal dos pets!

O equilíbrio da microbiota intestinal é um dos pilares da saúde dos pets.

Quando o microbioma está em **equilíbrio**, o organismo responde e o bem-estar se traduz em mais **conforto, vitalidade e qualidade de vida**.

É a partir desse olhar que a **Vetnil®** apresenta a **Linha ProbioUp®**, sua **nova linha de suplementos simbióticos**, desenvolvida com base em estudos científicos com combinações de cepas e nutrientes específicos para cães e gatos, **contribuindo para o equilíbrio da microbiota intestinal e ampliando as possibilidades de cuidado**.

Lançamento



saiba mais:

vetnil.com.br

VETNIL®



MEDICINA VETERINÁRIA E RACISMO

O QUE O DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA TEM A ENSINAR AOS MÉDICOS-VETERINÁRIOS?

› DANIELLE ASSIS
danielle@dc7comunica.com.br

O Dia da Consciência Negra, celebrado anualmente em 20 de novembro, foi instituído oficialmente no calendário nacional em 2011 com a finalidade de discutir temas como o racismo e a desigualdade racial na sociedade brasileira.

No Brasil, não há dados oficiais que apontem a diferença na quantidade entre médicos-veterinários negros e de outras raças cadastrados nos conselhos regionais. Porém, de acordo com dados do Censo 2022, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em fevereiro de 2025, somente cinco das 87 áreas de graduação analisadas possuem maioria de pessoas afrodescendentes entre os diplomados. A Medicina Veterinária não está entre elas.

Esse cenário mostra que o Brasil ainda precisa avançar muito na oferta de oportunidades e na valorização de pessoas e profissionais negros.

Com foco em dar mais visibilidade aos médicos-veterinários e graduandos de Medicina Veterinária afrodescendentes, foi criado em 2020 o Afrovet, um coletivo que busca fornecer representatividade e reconhecimento aos diversos profissionais negros atuantes no país.

O grupo está presente em todas as regiões do Brasil e tem como foco ser um ambiente de pertencimento e valorização da classe. Entre os membros da diretoria do Afrovet está **Natália Barros dos Santos**, médica-veterinária pós-graduada em Saúde Única, que atua como técnica responsável na vigilância sanitária animal e na inspeção de produtos de origem animal para consumo no município de Nazaré Paulista (SP).

Em conversa exclusiva com a **Cães&Gatos**, Natália apresentou suas impressões sobre a data e trouxe um panorama a respeito da presença de médicos-veterinários negros no Brasil.

Cães&Gatos - Para você, qual a relevância de datas como o Dia da Consciência Negra? *Natália Barros dos Santos* - Datas como o Dia da Consciência Negra são extremamente relevantes, pois levam a sociedade a refletir sobre a importância do povo negro para a construção e o funcionamento do Brasil como um todo e questionar o local dessas pessoas na sociedade. Muitas vezes, não nos perguntamos o motivo da falta de pessoas negras nos locais que frequentamos, mas esse é um exercício que devemos fazer diariamente.

Em algum momento da sua formação ou carreira, a falta de representatividade de pessoas negras fez com que você questionasse se aquele também era um espaço para você? Sim, principalmente durante a faculdade. Eu me formei em uma universidade particular na cidade de São Paulo e, em uma turma de 80 alunos, somente três eram negros. Entre os professores, não havia nenhum profissional negro também. Isso me fazia questionar se eu realmente pertencia àquele ambiente que, além de elitizado, era tão carente de representatividade.

Ao olhar para a Medicina Veterinária brasileira atual, como você avalia a presença e a representatividade de profissionais negros? A Medicina Veterinária brasileira parece ainda não enxergar os diversos profissionais negros excelentes que atuam no mercado. Embora existam colegas com currículos impecáveis em diversas áreas, a falta deles em grandes congressos e eventos é evidente.

Você acredita que houve avanços nos últimos anos em relação ao acesso de pessoas negras à graduação e ao mercado de trabalho? Sim, com o passar dos anos é possível notar um aumento considerável de pessoas negras acessando a universidade e o mercado de trabalho. Esse cenário, para mim, é fruto, em sua maioria, de políticas públicas sociais e raciais criadas com o objetivo de reduzir desigualdades e promover reparação histórica à população negra.

Apesar desses avanços, quais barreiras ainda dificultam a entrada, a permanência e o crescimento de médicos-veterinários negros na profissão? Acredito que a primeira barreira é se manter firme na graduação onde somos tão pouco representados. Embora o acesso à faculdade esteja mais tangível, com o passar dos anos a falta de professores negros ainda impacta diariamente a vida do estudante, o fazendo questionar constantemente se aquele é o seu lugar. Após a formação, ainda enfrentamos a falta de representatividade, mas de uma forma diferente, pois somos questionados e colocados à prova a todo momento, mesmo que de forma sutil. Frente a esse cenário, o profissional tem que estar diariamente preparado para questionamentos e descredibilização do seu trabalho somente pelo fato de ser negro.

Em sua experiência, em quais espaços a ausência de profissionais »

Foto: divulgação

negros ainda é mais evidente: universidades, clínicas e hospitais, indústria, pesquisa, docência ou cargos de liderança? A ausência de profissionais negros é mais evidente na docência e em cargos de liderança, fazendo com que nos questionemos diariamente o motivo pelo qual, embora tenhamos capacidade, experiência e demais requisitos para tal posição, muitas vezes não somos nem cogitados para ocupá-la.

Você já enfrentou situações em que sentiu que sua raça influenciou a forma como era percebida ou tratada como profissional? Venho enfrentando situações assim desde a minha formação. Ainda hoje me deparo com questionamentos do tipo 'você é veterinária?' ou 'a veterinária já chegou?', mesmo quando vestida como tal e usando crachá de identificação. Durante a minha trajetória também já recebi alguns comentários, como 'mas você não tem cara de veterinária', que me levam a pensar em como é importante o movimento de 'mudar a cara' da Medicina Veterinária.

Muitas vezes, o racismo não se manifesta apenas de maneira explícita. Você acredita que microagressões sobre a capacidade profissional ainda fazem parte da realidade de médicos-veterinários negros? Sim, somos questionados a todo momento, mesmo quando uniformizados, identificados e até quando somos o único profissional no local de atendimento. Infelizmente, tais questionamentos ainda fazem parte do nosso dia a dia, acompanham boa parte da nossa trajetória e são carregados de estereótipos, que nos atingem de diversas formas, inclusive abalando a nossa saúde mental.

Na sua opinião, como colegas, gestores e instituições podem agir diante de situações de racismo e discriminação no ambiente profissional? Acredito que se posicionar imediatamente contra qualquer forma de racismo e acolher o colega que sofreu a agressão são boas formas de começar a pensar em atitudes antirracistas. Muitas vezes, o profissional



> **"DURANTE A MINHA TRAJETÓRIA TAMBÉM JÁ RECEBI ALGUNS COMENTÁRIOS, COMO 'MAS VOCÊ NÃO TEM CARA DE VETERINÁRIA', QUE ME LEVAM A PENSAR EM COMO É IMPORTANTE O MOVIMENTO DE 'MUDAR A CARA' DA MEDICINA VETERINÁRIA"**

que sofreu a agressão não consegue se defender de forma imediata, e ter colegas e gestores preparados para lidar com essas situações ajuda bastante no enfrentamento do racismo no dia a dia. Também é fundamental abordar estes temas cotidianamente no ambiente de trabalho, para que os colegas e gestores entendam, mesmo que teoricamente, o que é racismo, como se posicionar contra ele e quais as formas de ajudar o próximo, inclusive judicialmente, se necessário.

Por que é importante que profissionais negros sejam convidados a falar não apenas sobre racismo e diversidade, mas também sobre suas áreas técnicas de especialização? É importante que veterinários negros tenham espaço para falar sobre assuntos técnicos e suas áreas de especialização para demonstrar a competência técnica que possuem. Essa oportunidade faz com que sejamos valorizados enquanto profissionais, o que também é uma maneira de combater o racismo dentro da nossa profissão.

Como ampliar a presença de médicos-veterinários negros em eventos e cargos de liderança pode contribuir para transformar a percepção sobre quem ocupa esses espaços? Acredito que ampliando a presença de profissionais negros nesses locais, naturalmente a percepção sobre quem deve ocupá-los muda. Quanto mais espaços acessarmos enquanto profissionais negros, mais seremos vistos e considerados pertencentes àquele ambiente.

Como mulher negra, você acredita que existem desafios específicos relacionados à interseção entre racismo e desigualdade de gênero dentro da Medicina Veterinária? Sim, embora no Brasil a Medicina Veterinária seja majoritariamente feminina, nós, mulheres negras, ainda somos a minoria dentro deste grupo. Dessa forma, acredito que somos duplamente descredibilizadas, visto que somos atingidas pelo sexismo, que também está presente na sociedade em que vivemos, e, de forma mais profunda, pelo racismo, que nos coloca à prova quase diariamente como profissionais.

O que ainda precisa mudar para que mais mulheres negras consigam ingressar, permanecer e crescer na profissão? Existem muitas mudanças a serem feitas em prol do ingresso, da permanência e do crescimento de mulheres negras dentro da profissão. Mas, acredito que a principal delas é o aumento da representatividade de médicas-veterinárias negras ocupando cargos de docência, liderança e gestão. A presença de mulheres nesses lugares levanta uma reflexão importante sobre representatividade e abre caminhos para que mais mulheres negras cheguem a esses lugares tão pouco ocupados por nós. ◘

Foto: divulgação



Franciele Pavei | francielepavei@comunicapet.com | linkedin.com/comunica-pet

Sua empresa investe para conquistar clientes. Mas o que faz para mantê-los?

Grande parte das estratégias de marketing concentra esforços em conquistar novos clientes. Mais alcance, novos contatos, campanhas de aquisição e oportunidades comerciais fazem parte da rotina de empresas que desejam crescer. Mas existe uma pergunta que nem sempre recebe a mesma atenção: o que acontece depois que o cliente escolhe a sua marca?

No mercado pet, essa reflexão ganha ainda mais relevância. Diferentemente de relações de consumo pontuais, muitas empresas do setor acompanham diferentes momentos da vida do animal. Da prevenção ao envelhecimento, novas necessidades surgem, hábitos mudam e decisões precisam ser tomadas. Existe, portanto, um potencial de relacionamento que pode durar anos.

É nesse contexto que a retenção deixa de ser consequência de um bom atendimento e passa a ser estratégia de crescimento. Conquistar um cliente representa apenas o início de uma relação cujo valor pode ser construído ao longo do tempo. No marketing, esse raciocínio está relacionado ao "Customer Lifetime Value", conceito que observa o valor de um cliente durante todo o período em que ele mantém relacionamento com uma empresa.

Mais importante do que a tradução do termo é a mudança de perspectiva que ele propõe: olhar menos para uma única transação e mais para a continuidade. Para clínicas e hospitais veterinários, isso pode significar compreender as diferentes necessidades ao longo da vida do animal. Para indústrias, distribuidores e empresas de serviços, significa conhecer ciclos de compra, demandas, histórico e novas oportunidades de gerar valor.

Os dados têm papel importante nesse processo. Informações sobre frequência, preferências, histórico de compras ou atendimentos permitem identificar padrões e tornar o relacionamento mais relevante. Não para aumentar indiscriminadamente o número de mensagens, mas para comunicar no momento certo e com propósito.

Retenção também não deve ser confundida com promoção. Manter um cliente próximo não significa oferecer descontos constantemente. Significa continuar sendo relevante depois da primeira escolha.

Informação útil, acompanhamento, suporte, facilidade e soluções adequadas às novas necessidades podem ter mais valor do que incentivos comerciais recorrentes. Esse olhar exige também maior integração entre marketing, comercial e operação. Pouco adianta investir em aquisição se a empresa não conhece sua própria base, não acompanha sua evolução ou não identifica por que clientes deixam de comprar, retornar ou recomendar. Talvez, por isso, uma das maiores oportunidades de crescimento no mercado pet esteja dentro das próprias empresas: nos clientes que já chegaram, compraram, confiaram e deixaram informações valiosas sobre suas necessidades.

MANTER UM CLIENTE PRÓXIMO SIGNIFICA CONTINUAR SENDO RELEVANTE DEPOIS DA PRIMEIRA ESCOLHA

Atrair continuará sendo importante. Mas o crescimento sustentável não acontece apenas pela quantidade de novos clientes conquistados. Acontece também pela capacidade de continuar relevante para aqueles que já fizeram uma escolha.

Porque ações de marketing podem até abrir a porta para uma primeira venda, mas o verdadeiro valor começa quando existe uma razão para permanecer. ◘

Franciele Pavei é médica-veterinária e especialista em marketing estratégico para o mercado pet, tendo atuação voltada a comunicação assertiva e ao posicionamento de marcas


NO-
VEM-
BRO
AZUL
PET

PREVENÇÃO COMEÇA NO DIAGNÓSTICO PRECOCE

› DANIELLE ASSIS
danielle@dc7comunica.com.br

A campanha Novembro Azul Pet tem como foco conscientizar os responsáveis por cães e gatos sobre a prevenção e o diagnóstico precoce de doenças do sistema reprodutor e urinário em machos. Entre essas afecções está a Hiperplasia Prostática Benigna (HPB).

A HPB é caracterizada pelo aumento do tamanho e do número das células da próstata, que pode estar relacionado à presença de hormônios sexuais. Devido a isso, especialmente os cães não castrados estão entre os mais acometidos por ela.

Sibele R. Konno, médica-veterinária com residência em Clínica Médica de Pequenos Animais, pós-graduação em Medicina Intensiva e diretora médica do grupo PetCare, explica que a testosterona e a dihidrotestosterona (DHT) atuam no estímulo à multiplicação e crescimento celular, regulando a expressão ou atividade de fatores de crescimento.

"No entanto, a HPB pode ser um evento natural do envelhecimento, já que comumente vemos este quadro em animais maduros e senis", afirma.

Inclusive, estudos mostram que mais de 80% dos cães sexualmente intactos acima de cinco anos de idade apresentam alguma evidência macroscópica ou microscópica de hiperplasia prostática benigna. Já em cães com nove anos, essa prevalência atinge 95%[1].

Além disso, sabe-se que a HPB precede grande parte dos distúrbios prostáticos, especialmente a prostatite[2].

MAIS COMUM EM CÃES. De acordo com Sibele, a hiperplasia prostática benigna é mais comum em cães do que em felinos. Um dos possíveis motivos citados pela profissional para esse cenário é a elevada incidência de castração precoce de gatos, o que acaba diminuindo a população de risco.

Contudo, existem aspectos comuns da apresentação da doença em ambas as espécies. "Vemos um início mais insidioso e dificuldade para urinar e defecar quando o aumento da próstata causa a compressão de estruturas adjacentes", diz.

Citando especificamente os felinos, a localização do órgão mais caudal do que nos cães pode causar ainda menos sinais clínicos, visto que há menor compressão da uretra e do reto.

Independentemente disso, conforme ocorre a progressão da enfermidade podem surgir outros sinais clínicos, como esforço durante micção e defecação, incontinência urinária, hematúria, fraqueza, perda de peso corporal, inapetência, paralisia de membro posterior, tenesmo e alteração na forma das fezes. Esse conjunto de manifestações pode contribuir para o surgimento de hérnia perineal por aumentar a pressão sobre o diafragma pélvico[2].

"Geralmente, os responsáveis procuram atendimento veterinário quando percebem que o animal está com dificuldade para urinar e defecar e tem fezes em formato de fita. Em cães reprodutores, a diminuição da produção de esperma pode ser um sinal clínico também, assim como a presença de infecção urinária, hematúria e dor abdominal", pontua a médica-veterinária.

RELEVÂNCIA DO TOQUE RETAL. O exame físico possui papel importante no diagnóstico da hiperplasia prostática benigna. Durante o atendimento, o veterinário deve realizar uma avaliação completa do animal, inclusive com toque retal. "Durante o toque retal é possível conferir »

Foto: banco de imagens C&G

o tamanho da próstata e a compressão das estruturas adjacentes, assim como verificar a presença de dor na região", diz a diretora.

Na investigação podem ainda ser solicitados exames adicionais para diagnóstico da enfermidade. Entre eles, hemograma completo, radiografia, urinálise, cultura e antibiograma de urina e ultrassom abdominal. "Também indico fazer sorologia para brucelose e, dependendo do quadro, citologia, lavado prostático, tomografia abdominal e biópsia da próstata", cita.

Além disso, o tamanho aumentado da próstata, o aspecto heterogêneo em ultrassom, a presença de cisto e tecidos adjacentes afetados, como linfonodos aumentados ou reativos, podem indicar que o quadro é mais grave.

DIAGNÓSTICOS DIFERENCIAIS. Nos diagnósticos diferenciais da HPB, Sibele inclui as neoplasias e metaplasias de próstata, assim como a prostatite. O exame ultrassonográfico pode ser usado para fazer a diferenciação entre as enfermidades. "No caso de neoplasias, hiperplasia e prostatite, vemos um aumento do tamanho do órgão. Se ele estiver associado a um aspecto heterogêneo, podemos pensar mais em neoplasias e prostatite do que em HPB", explica a profissional.

Outro ponto importante é que na prostatite é comum a presença de celularidade na urinálise, combinada, em alguns casos, com a presença de bactérias.

Na citologia aspirativa da próstata é possível identificar a presença de células neoplásicas ou inflamatórias e bactérias. "Alguns sinais clínicos inespecíficos, como perda de peso e falta de apetite, podem ainda estar correlacionados à presença de tumores devido ao catabolismo. O crescimento rápido do órgão e aspectos dos exames complementares também auxiliam no entendimento e na diferenciação dos quadros. Porém, essas não são regras e, para diferenciar a hiperplasia prostática benigna de um quadro neoplásico, o exame histopatológico é indispensável", aconselha.

ORQUIECTOMIA COMO TRATAMENTO. O tratamento de eleição para a HPB é a orquiectomia. Após o procedimento, a redução da próstata ocorre, geralmente, em 30 a 60 dias, mas esse período depende de alguns fatores, como o estímulo hormonal envolvido na hiperplasia e o tempo durante o qual os hormônios sexuais permaneceram circulantes.

"Depois da cirurgia, o acompanhamento com ultrassonografia é essencial para avaliar a involução do órgão. Outros exames importantes para esse período são a urinálise, exames bioquímicos e hemograma, pois o desequilíbrio nos hormônios pode levar a um menor estímulo hematopoiético", explica a veterinária.

Ela também destaca a importância de realizar exame físico periódico e acompanhar o paciente para verificar se houve melhora nos sinais clínicos da doença. Se não for possível realizar o procedimento, alguns medicamentos podem ser utilizados para tentar solucionar o quadro. "A finasterida é um antiandrógeno que bloqueia a ação da enzima 5-alfa-redutase, responsável por converter a testosterona em dihidrotestosterona DHT e pode ser uma alternativa", comenta Sibele.

Também existem relatos da utilização da toxina botulínica-A (TB-A) para tratar a condição. A toxina atua reduzindo o tamanho da próstata e é considerada segura, não existindo relatos de complicações locais ou efeitos sistêmicos. No entanto, seu efeito é de curta duração quando comparado com a orquiectomia[3].

Outra alternativa é a terapia com o acetato de delmadinona, um progestágeno que deve ser aplicado algumas vezes para levar à diminuição do tamanho prostático. Seus efeitos geralmente são transitórios e reversíveis[3].

Já a osasterona promove respostas rápidas e significativas nos sinais clínicos dos cães e é considerada tão eficiente quanto o acetato de delmadinona, demonstrando maior redução prostática e remissão clínica em cerca de seis meses[3].

PREVENÇÃO. A castração é considerada a principal forma de prevenir a hiperplasia prostática benigna.

Por outro lado, o acompanhamento veterinário periódico pode auxiliar no diagnóstico precoce e na resolução mais simples do quadro.

Segundo a médica-veterinária, como o crescimento da próstata ocorre de maneira insidiosa e os sinais clínicos só aparecem após a compressão de estruturas, se o animal não faz exames regulares não é possível determinar o tempo de desenvolvimento da condição.

Outro ponto importante é que a partir dos cinco anos de idade o toque retal deve ser incluído no exame físico completo durante os atendimentos.

"O toque retal e o exame ultrassonográfico precisam ser incluídos no check-up dos animais a partir dessa idade, independentemente da raça", ressalta. ◘



Sibele R. Konno, médica-veterinária com residência em Clínica Médica de Pequenos Animais, pós-graduação em Medicina Intensiva e diretora médica do grupo PetCare

Referências:
1. COSTA, Ana Carolina Messia de Souza Ferreira da et al. Hiperplasia prostática benigna em caninos: revisão de literatura. Brazilian Journal of Animal and Environmental Research, Curitiba, v. 5, n. 4, p. 3836-3850, out./dez. 2022. DOI: https://doi.org/10.34188/bjaerv5n4-030.
2. DAS MR, PATRA RC, DAS RK, RATH PK, MISHRA BP. Hemato-biochemical alterations and urinalysis in dogs suffering from benign prostatic hyperplasia. Vet World, v.10, p.331-335, 2017.
3. SILVA, J.K.M; CORTEZ, A.A. HIPERPLASIA PROSTÁTICA BENIGNA EM CÃES.
Caucaia, Ceará, Brasil. Ciência Animal, 28(2): 84-96, 2018.

Foto: divulgação

LABYES CELEBRA UM ANO DE **LABYDERM** DURANTE CONGRESSO DE DERMATOLOGIA VETERINÁRIA

› DANIELLE ASSIS
danielle@dc7comunica.com.br

A evolução da Dermatologia Veterinária tem ampliado o olhar sobre o manejo de cães e gatos com doenças de pele.

Mais do que controlar manifestações durante os períodos de crise, a especialidade tem valorizado estratégias de acompanhamento contínuo, incluindo medidas voltadas à manutenção da barreira cutânea. Ciente desse momento, a Labyes comemora um ano de relançamento da linha Labyderm.

Segundo Viridiana Amado, gerente de marketing da filial brasileira da empresa, o relançamento da linha aconteceu em um momento estratégico, caracterizado pela maior demanda por diagnóstico e tratamento das afecções dermatológicas, especialmente das doenças alérgicas e atópicas, e pela importante evolução da especialização e do conhecimento técnico dos médicos-veterinários nesta área.

"Foi a partir desse cenário que a Labyes identificou uma oportunidade de contribuir para o manejo dos pacientes dermatológicos por meio de uma linha de produtos de uso tópico voltada à saúde e à integridade da pele", comenta.

DIFERENCIAIS ÚNICOS. A proposta de Labyderm é complementar o manejo dos pacientes por meio de cuidados tópicos direcionados à saúde e à manutenção da integridade da pele. Para isso, todos os produtos podem ser utilizados em qualquer protocolo de tratamento de pacientes atópicos ou alérgicos. Viridiana explica que um dos principais desafios no manejo dos pacientes dermatológicos é justamente a necessidade de individualizar a abordagem terapêutica.



Viridiana Amado, gerente de marketing da filial brasileira da Labyes

As doenças dermatológicas, especialmente as alérgicas e atópicas, podem demandar diferentes combinações de tratamentos, de acordo com as características e necessidades de cada paciente. "Não existe um protocolo único que funcione da mesma maneira para todos os pacientes. O médico-veterinário precisa definir a estratégia mais adequada para cada caso. O que entendemos é que, independentemente do protocolo escolhido, existe um componente que não pode ser negligenciado: a integridade da barreira cutânea. Quando ela está comprometida, a pele perde parte da capacidade de exercer sua função protetora, o que pode favorecer a ocorrência de novas alterações e contribuir para a recorrência dos quadros. Por isso, acreditamos que a regeneração e a manutenção da barreira cutânea devem fazer parte da estratégia de cuidado desses pacientes, associadas ao tratamento de eleição definido pelo médico-veterinário", afirma.

Atualmente, a linha Labyderm conta com três produtos: Ampolas de Nutrição Profunda, Shampoo Suave e Spray Hidratação e Alívio. "Os produtos foram pensados para diferentes necessidades e momentos do cuidado dermatológico: nutrir e reconstituir profundamente, limpar e cuidar delicadamente e hidratar e proporcionar alívio imediato", destaca a gerente.

A linha foi criada com nanotecnologia, que favorece a entrega dos ativos em profundidade e por tempo prolongado, e fórmulas que possuem componentes hipoalergênicos de origem natural, extratos vegetais com propriedades calmantes e hidroxietil ureia, que contribui para a retenção de hidratação e para a prevenção da descamação excessiva da pele.

Para celebrar esse marco, a Labyes marcou presença no 3º Congresso Brasileiro de Dermatologia Veterinária, realizado em outubro, em Foz do Iguaçu (RS). "Mais do que celebrar uma trajetória, estar em um evento dedicado à Dermatologia representa nosso compromisso com a evolução da Medicina Veterinária e com os profissionais que estão à frente dessa transformação. Queremos estar próximos de quem vive a Dermatologia na prática, não apenas para apresentar nossas soluções, mas para aprender, discutir e entender para onde a especialidade está caminhando", conclui a gerente. ◘

Foto: divulgação



HOMEOPATIA VETERINÁRIA

UM OLHAR INDIVIDUALIZADO PARA CADA PACIENTE

› **DANIELLE ASSIS, DA REDAÇÃO**
danielle@dc7comunica.com.br

A Homeopatia é um dos sistemas terapêuticos mais antigos do mundo. Dados históricos apontam para a sua descoberta no século XVIII pelo médico Samuel Hahnemann.

Curiosamente, essa também foi a primeira especialidade reconhecida na Medicina Veterinária. Foi em 1995 que o Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV) a reconheceu como especialidade através da Resolução nº 625.

"No Brasil, a história da Homeopatia Veterinária tem como pioneiro o médico-veterinário Cláudio Martins Real que, na década de 1950, iniciou seus estudos em Homeopatia na França, tornando-se reconhecido como o primeiro médico-veterinário homeopata do país. A partir de sua atuação, outros médicos-veterinários foram se formando e contribuindo para a consolidação da área por aqui", conta Ana Regina Torro, médica-veterinária, mestre em Homeopatia, autora do livro Homeopatia Veterinária: Semiologia, Matéria Médica e Psicossomática e coautora do Repertório Homeopático para Médicos Veterinários.

Já de acordo com Cidéli de Paula Coelho, médica-veterinária, docente, mestre em Homeopatia, doutora em Epidemiologia Experimental Aplicada às Zoonoses, pós-doc em Patologia Experimental e Ambiental e autora de artigos internacionais, no Brasil há um cenário crescente da especialidade.

"Os responsáveis por pets estão cada vez mais interessados na Medicina Integrativa e em tratamentos com menos efeitos colaterais e que olhem para o animal como um todo. Ao mesmo tempo, o próprio médico-veterinário tem buscado uma formação sólida para responder a essa demanda", cita.

Além disso, a pós-doutora comenta que o país possui uma produção científica importante em altas diluições, com grupos de pesquisa em universidades e publicações em periódicos internacionais. "No entanto, ainda temos desafios a serem enfrentados. A Homeopatia aparece pouco nas grades da graduação e existe muita desinformação acerca da especialidade", afirma.

DIFERENÇAS E SIMILARIDADES. Quando se compara a prática clínica convencional com a homeopática percebe-se que a principal diferença entre ambas é a maneira de compreender e individualizar o paciente.

Ana Regina comenta que, na Medicina Veterinária convencional, o diagnóstico da doença, a fisiopatologia e as evidências relacionadas aos tratamentos específicos ocupam papel central. Com isso, a terapêutica é direcionada à doença ou ao mecanismo fisiopatológico identificado. "Na abordagem homeopática, além do diagnóstico clínico, que continua sendo extremamente importante, procuramos compreender como aquela enfermidade se manifesta naquele indivíduo específico. Exemplo disso é que dois animais com a mesma doença podem receber tratamentos homeopáticos diferentes", pontua.

Outro ponto importante é que o sistema homeopático é baseado principalmente no princípio da similitude. Isso quer dizer que uma substância é capaz de produzir determinado conjunto de manifestações em um indivíduo saudável e pode, em certas condições, ser utilizada de forma homeopática para tratar um paciente que apresente um quadro semelhante.

Logo, a Homeopatia tem como ponto fundamental a individualização do paciente. "Na Homeopatia não se considera apenas o diagnóstico da doença. Procuramos compreender como aquele indivíduo manifesta seu desequilíbrio, observando características gerais, modalidades, sintomas particulares e aspectos comportamentais", explica.

Mesmo assim, não é correto pensar que as duas abordagens são concorrentes, existindo diferentes situações nas quais elas podem atuar como complementares. Sobre isso, Ana Regina afirma que o paciente deve estar sempre no centro da decisão terapêutica. "O médico-veterinário tem a responsabilidade de utilizar seus conhecimentos para oferecer ao paciente o cuidado mais seguro e adequado possível. Em determinadas situações, isso pode significar utilizar exclusivamente uma abordagem homeopática; em outras pode significar incluir a Homeopatia como parte de uma estratégia integrativa", destaca.

Além disso, há momentos em que a técnica não deve substituir os tratamentos convencionais, como as emergências, por exemplo. »

Foto: banco de imagens C&G

Segundo a profissional, o mesmo princípio vale para situações que exigem cirurgia, controle de infecções graves, analgesia adequada, fluidoterapia, controle de convulsões ou outras intervenções específicas.

APLICABILIDADE NA PRÁTICA. A Homeopatia possui diferentes aplicações dentro do contexto da Medicina Veterinária. Cidéli relata que seu uso vai além da Clínica Médica de Pequenos Animais, podendo também ser usada em animais de produção, silvestres e equinos, por exemplo. "Existe ainda a interface com a Saúde Única: a Homeopatia utiliza pouquíssima matéria-prima, não deixa resíduos no animal e nem no ambiente e contribui para reduzir o uso de antimicrobianos", afirma.

Além disso, pacientes com quadros agudos, podem se beneficiar da técnica terapêutica. A médica-veterinária relata que em sua rotina atende com frequência animais com pancreatite, pneumonia, em quadros diarreicos, após traumas e até durante a recuperação pós-cirúrgica.

"Com meus alunos e orientandos venho estudando alguns desses cenários. Temos trabalhos com gatos positivos para FeLV em gatis e estamos preparando para publicação uma série de casos de cães com trombocitopenia tratados com medicamentos ultradiluídos pela Dra. Bruna Scardoeli. A qualidade de vida desses pacientes é o que mais me motiva", destaca.

Dessa forma, a Homeopatia pode ser considerada em variadas situações clínicas, sendo mais comum em quadros dermatológicos, gastrointestinais, comportamentais, geriátricos, oncológicos e de dores crônicas.

"Também pode ser considerada como parte de uma estratégia terapêutica integrativa em pacientes que apresentam múltiplas comorbidades ou que necessitam de acompanhamento contínuo", afirma Ana Regina.

PAPEL IMPORTANTE NA GERIATRIA E NOS CUIDADOS PALIATIVOS. Segundo Ana Beatriz Hassan, médica-veterinária pós-graduada em Homeopatia e em Acupuntura, com especializações nas áreas de Cannabis Medicinal, Viscum album e Florais de Bach, é comum a procura pela Homeopatia em casos crônicos ou recorrentes, principalmente em pacientes idosos, quando os responsáveis desejam reduzir a quantidade de medicamentos e seus possíveis efeitos colaterais.



Ana Regina Torro, médica-veterinária e mestre em Homeopatia

"Entre os principais motivos de consulta posso destacar os problemas dermatológicos, suporte ao paciente em tratamento oncológico (com destaque para uso do Viscum album), problemas gastrointestinais e do trato respiratório, além da doença renal crônica, principalmente em gatos", cita.

Dentro de uma proposta integrativa, o objetivo da abordagem homeopática é individualizar o cuidado e complementar o tratamento convencional que o animal já vem realizando.

De forma simplificada, na Homeopatia clássica o medicamento não é escolhido apenas pelo diagnóstico, mas pela totalidade dos sintomas e pelas características individuais do paciente. Essa visão mais abrangente pode resultar em uma conduta terapêutica distinta.

Com base nisso, Ana Regina explica que, durante a avaliação do paciente, é necessário conhecer sua história como um todo, considerando o início e a evolução do quadro clínico, o resultado dos exames realizados, tratamentos anteriores e atuais e coletar todas as informações relevantes para estabelecer um diagnóstico e avaliar o prognóstico.

"Na consulta homeopática acrescentamos uma investigação mais detalhada das características individuais do animal: comportamento, preferências, reações às situações, modalidades dos sintomas, características gerais e particulares, além de alterações que tenham surgido juntamente com o problema principal", relata.

O objetivo é construir uma imagem o mais completa possível da-

ALGUMAS POSSIBILIDADES DE USO DA HOMEOPATIA

1. **Doenças crônicas:** doença renal crônica, cardiopatias, endocrinopatias, enfermidades articulares e cuidados paliativos em pacientes oncológicos e geriátricos;
2. **Alterações comportamentais:** essa é uma das áreas em que a Homeopatia mais se destaca, podendo ser empregada em quadros de ansiedade de separação, medo de fogos e trovões, agressividade, marcação urinária em gatos, lambedura compulsiva, dificuldade de adaptação a uma nova casa e até luto pela perda de um companheiro. Porém, em muitos casos é importante associar o tratamento homeopático com o manejo ambiental;
3. **Manifestações dermatológicas:** pode ser aliada em quadros de dermatite atópica, otite e piodermites recorrentes;
4. **Doenças gastrointestinais:** é indicada para diarreias e vômitos agudos, gastrite, indigestão alimentar, constipação e nas doenças inflamatórias intestinais crônicas.

quele animal e, a partir dela, selecionar o medicamento que apresente maior correspondência com o conjunto de manifestações observadas.

Conforme relata a médica-veterinária, na Homeopatia o mais importante é não escolher um medicamento apenas porque ele é tradicionalmente associado a determinada doença e sim perguntar: "como esse paciente apresenta essa doença?".

APRESENTAÇÕES VARIADAS PARA MÚLTIPLAS FORMAS DE USO. Atualmente, os medicamentos homeopáticos estão disponíveis em diferentes apresentações. Há opções em glóbulos, comprimidos ou tabletes, pós à base de frutose, gotas e soluções, além de formas injetáveis. Já para uso externo, existem pomadas, cremes e sprays. Cidéli explica que esses medicamentos também variam na escala de dinamização: centesimal (CH), decimal (DH), cinquenta milesimal (LM), entre outras.

Existem ainda homeopáticos vendidos com formulação pronta ou manipulados de acordo com a prescrição. Qual escolher depende da abordagem e do caso clínico. "O medicamento manipulado permite individualizar tudo: o medicamento, a potência, a escala, o veículo e a forma de apresentação", pontua.

Além disso, a forma farmacêutica pode fazer toda a diferença na adesão do responsável ao tratamento.

Ana Beatriz comenta que nos felinos esse aspecto é ainda mais importante, pois uma administração difícil pode gerar estresse e dificultar todo o tratamento, inclusive piorando sintomas.

Outro ponto importante é que a escolha da potência e da frequência de administração não deve ser tratada como uma receita fixa. Na Homeopatia clássica, essas decisões estão relacionadas à individualização do caso.

"No caso da frequência, casos mais agudos e recentes podem necessitar de maior frequência de administração. Com relação à dinamização, de forma simplificada, podemos dizer que dinamizações mais altas irão atuar mais na esfera mental e as mais baixas agem mais nos sintomas físicos", pontua.

Outra orientação fundamental é a de manter os frascos bem fechados, longe da luz direta, do calor e de odores fortes. "Não é recomendado trocar tampas e nem conta-gotas entre frascos diferentes. Os medicamentos também não podem ficar próximos a aparelhos eletroeletrônicos", orienta Cidéli.

ACOMPANHAMENTO DURANTE O TRATAMENTO. O acompanhamento dos pacientes em tratamento homeopático não é muito diferente das abordagens convencionais.

Segundo Ana Regina, é fundamental estabelecer parâmetros antes e durante o tratamento e não se deve considerar que houve melhora simplesmente porque o responsável percebeu uma mudança positiva. "É importante acompanhar sinais clínicos, frequência e intensidade dos episódios, resultado de exames (quando indicados), evolução do diagnóstico, comportamento, alimentação, sono, atividade, dor e outros parâmetros relevantes para aquele animal", afirma.

Também é necessário registrar a evolução do paciente ao longo do tempo. Citando especificamente as doenças crônicas, mais do que avaliar a existência ou ausência da enfermidade, deve-se verificar se o paciente está tendo menos crises, recuperando atividades, apresentando menos desconforto e mantendo uma vida mais próxima do seu padrão normal.



UM BOM PASSO A PASSO PARA ACOMPANHAR A EVOLUÇÃO DO PACIENTE

1 **Observar a "Sensação Subjetiva de Bem-Estar Geral":** essas informações podem ser obtidas com o responsável. Ele pode mencionar que o seu animal está mais alegre, brincando como fazia antes e demonstrando menos sinais clínicos;

2 **Avaliar os objetivos estabelecidos para aquele caso:** dependendo da doença, podemos acompanhar frequência e intensidade dos sintomas, nível de dor, prurido, apetite, sede, sono, atividade, comportamento, peso, exames laboratoriais ou de imagem e outros marcadores específicos;

3 **Analisar a evolução global do paciente:** em doenças crônicas é particularmente importante observar a tendência ao longo do tempo e não apenas uma melhora ou piora isolada.

"O mais importante de tudo é estarmos dispostos a modificar a conduta quando os resultados não forem satisfatórios. A ausência de resposta também é uma informação clínica importante", finaliza. »

Cidéli de Paula Coelho, médica-veterinária, docente, mestre em Homeopatia, doutora em Epidemiologia Experimental Aplicada às Zoonoses, pós-doc em Patologia Experimental e Ambiental

Fotos: divulgação e Cães&Gatos

RESULTADOS BASEADOS EM EVIDÊNCIAS. Um estudo conduzido por Mathie et al. (2010) avaliou a prescrição homeopática para condições crônicas na prática veterinária de cães e gatos. Os pesquisadores reuniram informações de pacientes atendidos por 21 médicos-veterinários ao longo de 12 meses. Ao todo, foram analisados 1.904 animais, sendo 400 gatos, dos quais 372 apresentavam condições crônicas, e 1.504 cães, sendo 1.408 com doenças crônicas.

Entre os cães, as condições mais frequentemente relatadas foram dermatite, artrite, piodermite, colite, medo patológico, otite externa, diarreia, incontinência urinária, agressividade, espondilose e linfoma. Já entre os gatos, destacaram-se dermatite, insuficiência renal, lambedura excessiva, artrite e hipertireoidismo.

Os autores identificaram alguns padrões na prescrição dos medicamentos homeopáticos. Nos cães, *Pulsatilla* foi utilizada em 21% dos casos de incontinência urinária e em 13,5% dos casos de dermatite. *Lycopodium* foi empregado em 18,8% dos casos de diarreia, enquanto uma combinação de *Rhus toxicodendron, Ruta graveolens* e *Arnica montana* (RRA) foi utilizada em 16,5% dos casos de artrite.

Quanto aos resultados registrados, foram observadas pontuações positivas principalmente em casos de artrite, dermatite e hipertireoidismo nos gatos. Nos cães, os resultados positivos foram mais frequentes nos quadros de artrite, colite, otite externa, piodermite, espondilose e incontinência urinária. Por outro lado, resultados positivos foram menos evidentes em gatos com lambedura excessiva e insuficiência renal e em cães com medo e linfoma.

Na área da Oncologia Veterinária, um estudo recente publicado por Brasileiro et al. (2026) avaliou, em laboratório, os efeitos do *Viscum album* homeopático na potência CH200 sobre células de osteossarcoma canino, humano e murino. A pesquisa também comparou os resultados com os efeitos do resveratrol e da doxorrubicina, quimioterápicos utilizados no tratamento do osteossarcoma em cães.

Os resultados da pesquisa indicaram que o *Viscum album* CH200 reduziu a viabilidade das células tumorais. Além da redução da viabilidade celular, o tratamento diminuiu significativamente a migração das células de osteossarcoma, um parâmetro relevante para o estudo do comportamento invasivo das células tumorais. Os autores observaram ainda que a apoptose foi o principal mecanismo de morte celular associado aos compostos avaliados.



Ana Beatriz Hassan, médica-veterinária pós-graduada em Homeopatia e em Acupuntura

Nas análises de morte celular, o *Viscum album* CH200 apresentou efeitos mais expressivos nas linhagens humana e murina do que nas células caninas. De acordo com os autores, os resultados sugerem que o resveratrol e o *Viscum album* CH200 apresentam potencial para reduzir a viabilidade e a migração de células de osteossarcoma, levantando a possibilidade de investigação desses compostos como tratamentos adjuvantes à quimioterapia.

Porém, ressaltam a necessidade de pesquisas adicionais para compreender a interação dessas substâncias com os tratamentos convencionais.

No âmbito da Medicina Felina, Valle, Valle e Carvalho (2024) relataram o caso de uma gata de um ano e oito meses diagnosticada com Síndrome de Hiperestesia Felina. O objetivo do trabalho foi descrever a evolução clínica do animal durante um tratamento homeopático.

O protocolo utilizado incluiu os medicamentos homeopáticos *Apis mellifera, Hypericum perforatum, Natrum muriaticum* e *Staphysagria*, selecionados pelos autores com base nos princípios da Homeopatia.

Segundo Valle, Valle e Carvalho (2024), após 30 dias de tratamento, houve redução na frequência e na duração dos episódios de hiperestesia. Aos 180 dias de acompanhamento, o animal não apresentava mais sinais clínicos relacionados à síndrome. Ao final do período descrito no trabalho, o mesmo permanecia sem novos episódios havia 460 dias.

Já um estudo executado por Raj et al. (2020) avaliou o efeito de uma combinação de medicamentos homeopáticos no tratamento da papilomatose oral canina. Foram incluídos 16 cães com papilomatose oral que não haviam recebido tratamento prévio, distribuídos aleatoriamente em dois grupos: oito animais receberam a combinação homeopática de *Sulfur* 30C, *Thuja* 30C, *Graphites* 30C e *Psorinum* 30C, administrada por via oral duas vezes ao dia durante 15 dias, enquanto oito receberam placebo (água destilada).

Os animais foram acompanhados clinicamente por até 12 meses, com avaliação das lesões em diferentes momentos ao longo de 150 dias. Os resultados indicaram redução significativamente mais rápida das lesões no grupo tratado com Homeopatia, com diferença nos escores clínicos em relação ao grupo placebo ($p < 0,001$). Nos cães tratados, a regressão dos papilomas ocorreu entre sete e 15 dias, enquanto, no grupo placebo, a regressão espontânea foi observada apenas entre 90 e 150 dias. Além disso, durante os 12 meses de acompanhamento após o tratamento, não foram observadas recidivas das lesões nos animais tratados.

Também com foco em avaliar a resposta de cães com papilomatose tratados com homeopatia, Narita, Balbueno e Coelho (2020) relataram o caso de um cão sem raça definida de sete anos diagnosticado com papilomatose oral e dermatite por *Malassezia spp.*.

O objetivo do trabalho foi demons-

Fotos: divulgação

trar a eficácia do tratamento com altas diluições em um paciente refratário às terapias convencionais. O protocolo utilizado incluiu o medicamento homeopático *Arsenicum album* 42 cH, associado a um complexo composto por *Thuya* 12 cH, bioterápico de HPV e autonosódio 30 cH, administrados por via oral.

Segundo as autoras, o animal apresentou melhora clínica evidente após sete dias do início da terapia. Aos 30 dias de acompanhamento, observou-se a remissão completa dos papilomas orais, 98% de melhora nas lesões cutâneas e restabelecimento do comportamento normal do paciente.

Na área de Nefrologia e Medicina Felina, Coelho e Carvalho (2025) conduziram um estudo retrospectivo sobre a Doença Renal Crônica (DRC) em gatos. O objetivo do trabalho foi avaliar a eficácia do tratamento homeopático individualizado na qualidade de vida e na longevidade dos felinos acometidos, bem como identificar os medicamentos homeopáticos prescritos com maior frequência.

O protocolo utilizado baseou-se na consulta clínica e na repertorização individualizada segundo o princípio da semelhança de Samuel Hahnemann. Dentre os medicamentos empregados, os mais utilizados foram *Phosphorus* (25%), *Arsenicum album* (18,3%), *Apis mellifica* (16,7%), *Lycopodium clavatum* (16,7%), *Cantharis* (8,3%), além de *Serum anguillae* (5%) e *Stramonium* (5%).

Conforme as autoras, o acompanhamento dos casos ao longo de cinco anos de observação demonstrou que a abordagem homeopática proporcionou aumento do bem-estar e maior expectativa de vida nos gatos idosos tratados.

Todos esses estudos mostram as diferentes aplicabilidades da Homeopatia na Medicina Veterinária e, embora alguns requeiram uma avaliação mais aprofundada, apontam resultados promissores em diferentes contextos. ◘

ACESSE O **QR CODE** AO LADO PARA AS REFERÊNCIAS



GRANPLUS PERFORMANCE, NOVA LINHA SUPER PREMIUM DA MBRF PET, ACOMPANHA O CÃO DESDE FILHOTE ATÉ A SENIORIDADE

A linha GranPlus Performance, da MBRF Pet, reúne alimentos Super Premium desenvolvidos para atender às necessidades nutricionais de cães de diferentes portes e fases da vida, do filhote ao sênior.

Lançada este ano e já disponível no canal especializado, marca a entrada de GranPlus na categoria e conta com formulações à base de frango e ingredientes selecionados que oferecem benefícios para a saúde dos animais.

Entre os diferenciais estão prebióticos, como MOS e beta-glucanos, que contribuem para a saúde intestinal, e extrato de yucca, que auxilia na redução do odor das fezes.

As fórmulas também oferecem suporte à saúde oral, à pele e à pelagem, além de conter antioxidantes naturais, sem adição de corantes, aromatizantes ou ingredientes transgênicos.

O portfólio contempla composições específicas para diferentes necessidades. Toda a linha mini foi desenvolvida para cães que vivem dentro de casa. As versões para filhotes incluem EPA e DHA, importantes para o desenvolvimento cognitivo. Já as fórmulas para cães de médio e grande porte são enriquecidas com glicosamina e condroitina, que auxiliam na saúde articular.

Para os sêniores, beta-glucano e DHA oferecem suporte às funções imunológica e cognitiva. “Cada fase da vida apresenta demandas nutricionais específicas. Por isso, a escolha de um alimento completo e balanceado, adequado à idade e ao porte do animal, é importante para oferecer os nutrientes necessários em quantidades e proporções adequadas”, explica Mayara Andrade, médica-veterinária de GranPlus.

GranPlus Performance está disponível em petshops, redes especializadas e e-commerces de todo o país, nos sabores Frango e Arroz, Frango e Cenoura e Frango e Peru, em embalagens de 2,5 kg a 20 kg, conforme a versão. ◘



ATENO AMPLIA A PRESENÇA DA BIOVET NA CLÍNICA DE CÃES E GATOS COM MAROPITANT INJETÁVEL

DISPONÍVEL NAS APRESENTAÇÕES DE 10 E 30 ML, MEDICAMENTO É O **ÚNICO MAROPITANT INJETÁVEL NO MERCADO** COM INDICAÇÃO EM BULA PARA AS DUAS ESPÉCIES

› DANIELLE ASSIS
danielle@dc7comunica.com.br

O controle da êmese e da náusea faz parte da rotina de atendimento de cães e gatos, sendo importante em diferentes contextos, desde pacientes hospitalizados até os submetidos a procedimentos ou durante a investigação de doenças.

Para auxiliar os profissionais no manejo desses animais, a Biovet apresenta o Ateno, um antiemético injetável à base de maropitant indicado para cães e gatos.

Segundo João Callefe, gerente técnico da Biovet, o produto chega ao mercado com a proposta de oferecer ao médico-veterinário uma alternativa voltada ao controle da êmese, aliando a indicação para as duas espécies às diferentes possibilidades de uso.

"O maropitant, princípio ativo do Ateno, atua como antagonista seletivo dos receptores NK1. Esses receptores estão envolvidos na transmissão dos sinais relacionados ao reflexo do vômito, tendo a substância P como um dos principais neurotransmissores dessa via", explica.

PENSADO PARA AS NECESSIDADES DOS MÉDICOS-VETERINÁRIOS. Leandro Venditti, gerente de marketing da Biovet, comenta que o desenvolvimento do produto partiu justamente da observação das necessidades encontradas no atendimento veterinário, tendo a proposta de disponibilizar uma opção que pode ser incorporada aos protocolos da clínica e do hospital veterinário de acordo com a avaliação de cada paciente.

"Com o Ateno, queremos ampliar a presença da Biovet na rotina clínica e hospitalar, oferecendo o maropitant injetável com indicação para cães e gatos e apresentações adequadas a diferentes volumes de atendimento", afirma.

Com isso, o medicamento é o único à base de maropitant no mercado brasileiro com indicação em bula para as duas espécies.





A característica ganha relevância diante das particularidades dos felinos na rotina clínica de animais de companhia. “Esse é um dos grandes diferenciais. Ateno é completo na indicação, abrangendo os felinos, população que cresce em uma taxa de 4,5% ao ano, mais do que o dobro da taxa de crescimento observada entre os cães no Brasil”, aponta João Callefe.

RESULTADOS COMPROVADOS. Um estudo controlado realizado para avaliar a eficácia antiemética do Ateno demonstrou que uma única dose do produto, administrada por via subcutânea, proporcionou controle antiemético consistente e estatisticamente significativo nos animais avaliados.

No modelo experimental controlado utilizado, os animais do grupo tratado receberam o medicamento na dose de 0,1 ml/kg, por via subcutânea, enquanto a resposta emética foi acompanhada durante o período de observação. Para o grupo controle, foi utilizado soro fisiológico como placebo.

Os resultados apontaram controle completo da êmese nos cães e gatos tratados com Ateno, enquanto o grupo controle que utilizou o placebo apresentou êmese.

A diferença entre os grupos tratados com Ateno e o grupo controle foi estatisticamente significativa, com valores de $p < 0,001$ para gatos e $p < 0,05$ para cães, conforme apresentado no estudo.

Para a rotina clínica, os resultados apresentados indicam potencial para um controle previsível dos episódios de vômito em cães e gatos, contribuindo para o manejo de pacientes nos quais a êmese pode comprometer o bem-estar e a recuperação. “O estudo certifica a qualidade e a segurança do Ateno, mostrando que o produto pode se tornar o antiemético de eleição dos médicos-veterinários na rotina clínica, graças à sua eficácia e diferenciais”, destaca João.

Leandro Venditti, gerente de marketing da Biovet

Além disso, o produto foi submetido a todos os estudos de eficácia e segurança exigidos pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA). “Os resultados apresentados aos órgãos competentes deram suporte à aprovação do Ateno para uso nas duas espécies”, conta Leandro.

ATENO É O ÚNICO COM INDICAÇÃO EM BULA PARA CÃES E GATOS E ESTÁ DISPONÍVEL EM DUAS APRESENTAÇÕES

VERSATILIDADE NA ROTINA. Além da indicação para cães e gatos, o Ateno chega ao mercado em duas apresentações: frascos de 10 ml e 30 ml. A proposta é oferecer maior flexibilidade de acordo com o perfil de uso e o volume de atendimentos de cada serviço. “Pensamos em auxiliar também os profissionais que atendem em domicílio, oferecendo um produto com apresentação que se adapta à demanda de atendimentos no dia a dia”, acrescenta João.

João Callefe, gerente técnico da Biovet

Outro aspecto destacado é a estabilidade do produto em temperatura ambiente, dispensando a necessidade de refrigeração para armazenamento ou de resfriamento antes da aplicação.

A posologia recomendada para o Ateno é de 0,1 mL/kg de peso corporal, por via subcutânea, a cada 24 horas, por até cinco dias.

O produto pode ser utilizado em cães e gatos a partir de dois meses de idade. Como ocorre com qualquer medicamento veterinário, a indicação e a duração do tratamento devem ser definidas pelo médico-veterinário.

QUANDO CONSIDERAR O CONTROLE DO VÔMITO. Por ser um sinal clínico associado a diferentes etiologias, o vômito exige investigação e abordagem da causa de base.

Animais hospitalizados e pacientes com episódios de vômito agudo ou crônico estão entre os perfis nos quais o controle da êmese pode ter importância na rotina. A redução dos episódios pode auxiliar no conforto do animal, minimizar perdas adicionais de líquidos e eletrólitos, além de favorecer a continuidade da alimentação e de outros tratamentos, »

Fotos: divulgação



conforme a avaliação profissional.

"O controle desses sinais tem um papel importante não apenas no conforto do paciente, mas também na própria condução do caso. Ao reduzir episódios de vômito e náusea, o Ateno pode contribuir para a estabilização do animal e permitir que o profissional dê continuidade à investigação diagnóstica e ao tratamento da causa de base com maior previsibilidade e bem-estar para o paciente", explica Venditti.

Já Callefe reforça que a decisão deve considerar a avaliação individual do paciente. "O Ateno tem indicação para quaisquer quadros de êmese e náusea, de diferentes etiologias. Cabe ao veterinário determinar a utilização, mas entendemos que o conforto proporcionado pela solução é extremamente benéfico ao paciente", afirma.

APLICAÇÃO E CONFORTO. A experiência de aplicação também aparece entre os atributos ressaltados pela Biovet sobre o Ateno. Antes do lançamento, médicos-veterinários parceiros tiveram acesso ao produto para utilização na rotina clínica e compartilharam suas primeiras impressões.

De acordo com Leandro, um dos principais feedbacks esteve relacionado à percepção de menor desconforto durante a aplicação. "Essa etapa foi importante justamente por aproximar o desenvolvimento da realidade do atendimento veterinário e permitir uma avaliação prática da experiência de uso. Entre os aspectos mais destacados pelos profissionais esteve a percepção de maior conforto no momento da aplicação, com relatos de menor desconforto para os pacientes", afirma.

VITÓRIA PARA A MEDICINA FELINA. Para Maria Alessandra Del Barrio (Male), médica-veterinária especializada em Medicina Felina e mestre em Clínica Veterinária, a chegada do Ateno ao mercado veterinário é um grande ganho para o atendimento de gatos.

MÉDICOS-VETERINÁRIOS TÊM RELATADO MENOR DESCONFORTO DOS PACIENTES DURANTE A UTILIZAÇÃO DO ATENO

"Fico muito honrada por ter sido convidada para fazer parte do lançamento nacional de um produto tão necessário para nós e que possui a indicação para os felinos em bula, permitindo a sua utilização sem nenhuma implicação legal", comenta.

Segundo a profissional, a iniciativa da Biovet de incluir na formulação excipientes seguros e bem tolerados pelos gatos é um grande diferencial do medicamento. "É muito importante que as empresas tenham esse tipo de visão para uma espécie que está crescendo exponencialmente no mercado pet brasileiro", destaca.

Ela explica que os felinos apresentam maior predisposição a efeitos colaterais, não apenas em decorrência dos princípios ativos dos medicamentos, mas também dos veículos utilizados em suas formulações. Por isso, ressalta a importância do desenvolvimento de produtos que considerem as particularidades da espécie, incluindo a segurança dos componentes e dos excipientes utilizados.

"Quando há a preocupação de desenvolver um medicamento cujo princípio ativo seja seguro para os gatos e que possa ser empregado terapeuticamente com segurança, considerando também os excipientes utilizados, todos nós que trabalhamos com felinos ficamos muito felizes. Os pacientes agradecem, assim como nós, médicos-veterinários que atuamos com a espécie", afirma.

Maria Alessandra também enfatiza a relevância do maropitant no manejo de pacientes felinos que apresentam vômitos, manifestação clínica que pode estar associada a diferentes condições. ◘



O olho como janela para a saúde: quando alterações oculares revelam doenças sistêmicas em cães e gatos

Os olhos podem revelar muito mais do que alterações na visão. Em cães e gatos, doenças metabólicas, endócrinas, infecciosas, odontológicas, dermatológicas e imunomediadas podem apresentar manifestações oculares. Por isso, o exame oftalmológico deve integrar a investigação da saúde do paciente, e não ser visto apenas como uma avaliação isolada do bulbo ocular.

Algumas doenças se destacam pela sua expressividade na vida do paciente, como a hipertensão arterial sistêmica, especialmente em gatos com doença renal crônica ou hipertireoidismo.

O aumento persistente da pressão arterial pode causar alterações nos vasos da retina, hemorragias e descolamento retiniano, levando à perda parcial ou total da visão. Em alguns casos, a alteração ocular é o primeiro sinal percebido pelo responsável e conduz à investigação de uma doença ainda não diagnosticada.

O diabetes mellitus também tem repercussões oculares. Nos cães, alterações no metabolismo da glicose favorecem o desenvolvimento de catarata, que pode evoluir rapidamente e comprometer a visão. Distúrbios do metabolismo lipídico podem estar associados a depósitos de gordura na córnea. Dietas desequilibradas e deficiências nutricionais específicas também podem comprometer a visão.

Em gatos, a deficiência de taurina pode causar degeneração irreversível da retina. A obesidade, por sua vez, deve ser considerada na avaliação global por sua associação com alterações metabólicas e inflamatórias, sem ser atribuída, isoladamente, a uma doença ocular específica.

Doenças dermatológicas podem atingir as pálpebras e a região periocular, comprometendo a proteção e interferindo na adequada lubrificação da superfície ocular. A doença periodontal pode evoluir para formação de fístulas ao redor da órbita, causando edema periocular e também repercutir em inflamação ocular (uveíte). As uveítes em cães e gatos, não raramente estão associadas a várias alterações sistêmicas, como infecções, doenças imunomediadas ou neoplasias.

Olhos avermelhados, dor, secreção ocular persistente, opacidade, alterações pupilares ou mudança súbita no comportamento visual não são diagnósticos, mas sinais que exigem investigação. O exame pode incluir avaliação da produção lacrimal, biomicroscopia, fluoresceína, tonometria e oftalmoscopia. Conforme os achados, exames laboratoriais, aferição da pressão arterial e outras avaliações sistêmicas podem ser necessários.

O médico-veterinário clínico geral tem papel decisivo ao reconhecer essas alterações e encaminhar o paciente no momento adequado. A atuação conjunta com o oftalmologista veterinário favorece a identificação das causas, o diagnóstico preciso e a escolha do tratamento.

Para o responsável, fica o alerta: não se deve esperar a perda da visão e nem utilizar colírios por conta própria. A avaliação precoce pode evitar complicações e, em muitos casos, preservar a visão.

Cuidar dos olhos é também cuidar da saúde como um todo. ◘

CBOV
Colégio Brasileiro de Oftalmologistas Veterinários

Dra. Paula Diniz Galera, DCBOV, DClove, Profª Titular da Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária/UnB



UMA SÓ SAÚDE, UM SÓ CHÃO

› PAULO ABILIO VARELLA LISBOA
COAUTORIA: JESSIKA CAROLINE FERREIRA DA SILVA

Todo veterinário que já atendeu depois de uma enchente conhece aquele olhar. O cão chega molhado, febril, com as mucosas amareladas, e o responsável diz, quase pedindo desculpa, que a água entrou em casa de madrugada. Na semana seguinte, é o próprio responsável que vai parar na emergência com dor nas panturrilhas. A mesma lama, a mesma leptospira, o mesmo rato que perdeu a toca. Ali, no balcão de uma clínica qualquer, a Saúde Única deixa de ser conceito de congresso e vira prontuário.

Eu divido a casa com cães e gatos há muitos anos, e aprendi com eles uma coisa que demorei a aprender nos livros: eles são as nossas sentinelas. Adoecem antes, adoecem perto, adoecem do mesmo jeito.

O gato que coça a ferida que não cicatriza no Rio de Janeiro, o cão emagrecido com orelhas descamadas em Volta Redonda, o macaco que cai morto da árvore antes da febre amarela chegar à cidade. Tudo isso é aviso. A pergunta que o dia 3 de novembro, data em que se celebra o Dia Nacional da Saúde Única, nos faz é simples e incômoda: estamos ouvindo?

Este ensaio é uma tentativa de olhar para trás com honestidade, para o presente com coragem e para o futuro com alguma teimosia. Porque, se tem uma coisa que a Saúde Única ensina, é que ninguém se salva sozinho — nem gente, nem bicho, nem floresta.

UMA IDEIA ANTIGA COM NOME NOVO. A Saúde Única não nasceu num escritório da ONU. Ela é velha como a domesticação. Quando o primeiro lobo se aproximou da fogueira, trouxe junto seus parasitas, e nós passamos os nossos para ele.

Hipócrates já falava de ares, águas e lugares. Mas foi no século XIX que a ideia ganhou corpo científico: Rudolf Virchow, o pai da patologia celular, cunhou o termo zoonose e insistiu que não havia linha divisória entre Medicina Humana e animal — os objetos eram diferentes, mas a experiência era a mesma. William Osler, seu discípulo, levou essa convicção para os hospitais e escolas médicas do Canadá e dos Estados Unidos.

O Brasil, aliás, tem lugar de honra nessa história, e às vezes esquece. Em 1909, Carlos Chagas descreveu, de uma só vez, o parasito, o vetor, os reservatórios e a doença humana. É talvez o exemplo mais completo de pensamento integrado da Medicina tropical.

Antes dele, Oswaldo Cruz combatia a peste caçando ratos e a febre amarela caçando mosquitos, e Vital Brazil, no Butantan, transformava o soro de cavalos em vida para quem era picado no campo. Eles não usavam a expressão One Health. Faziam.

No século XX, a especialização nos separou. Médicos de um lado, veterinários de outro, ecólogos em outro prédio. Foi o veterinário Calvin Schwabe quem, nos anos 1960, cunhou a expressão One Medicine e lembrou que a epidemiologia não respeita fronteiras de faculdade. Em 1978, a Declaração de Alma-Ata colocou a saúde como direito e como produto das condições de vida — semente do que o Brasil plantaria depois no SUS.

Aí vieram os sustos. A encefalopatia espongiforme bovina nos anos 1990. O Nipah na Malásia, em 1998, saltando de morcegos para porcos e de porcos para gente. A SARS em 2003. Em 2004, a Wildlife Conservation Society reuniu especialistas em Nova York e publicou os Princípios de Manhattan, sob o lema One World, One Health.

A gripe aviária H5N1 e a pandemia de H1N1, em 2009, empurraram FAO, OIE (hoje WOAH) e OMS a assinar, em

2010, a nota conceitual de Hanói, formando a aliança Tripartite. Em 2016, o 3 de novembro passou a ser celebrado como o Dia Mundial da Saúde Única. Em 2019, os Princípios de Berlim atualizaram Manhattan com o peso das mudanças climáticas.

E então veio a covid-19, que nos trancou em casa e nos obrigou a encarar o óbvio. Em 2021, o painel de especialistas OHHLEP publicou a definição que hoje usamos: uma abordagem integrada e unificadora para equilibrar e otimizar, de forma sustentável, a saúde de pessoas, animais e ecossistemas.

Em 2022, o PNUMA entrou para o grupo, que virou Quadripartite, e lançou o Plano de Ação Conjunta de Uma Só Saúde 2022–2026, com seis linhas de ação para prevenir, prever, detectar e responder às ameaças na interface humano-animal-planta-ambiente.

O BRASIL DECIDE CHAMAR PELO NOME. Por aqui, a Saúde Única demorou a sair do jargão. Durante anos, ela viveu nas aulas de epidemiologia, nos Centros de Controle de Zoonoses e no esforço silencioso de quem notificava leishmaniose, raiva e esporotricose sem que ninguém perguntasse pelo cão ou pelo gato da família.

Em 2019, o país publicou o PAN-BR, seu plano de enfrentamento da resistência aos antimicrobianos no âmbito da Saúde Única, um primeiro passo de verdade.

O salto simbólico veio em 5 de janeiro de 2024, com a Lei nº 14.792, que instituiu o Dia Nacional da Saúde Única, celebrado todo 3 de novembro, com o objetivo de conscientizar a sociedade sobre a relação indissociável entre as saúdes animal, humana e ambiental.

Pode parecer pouco — uma data no calendário —, mas quem trabalha com educação em saúde sabe o peso de uma data. Ela abre escolas, pautas de jornal, auditórios de conselhos. A lei nasceu debatido em audiências com o Ministério da Saúde, a Fiocruz, o movimento One Health Brasil e os conselhos profissionais.

Poucos meses depois, o Decreto nº 12.007, de 25 de abril de 2024, criou o Comitê Técnico Interinstitucional de Uma Só Saúde, com a tarefa de construir o Plano de Ação Nacional. E o plano veio.

Sua versão estratégica foi a consulta pública em julho de 2025, com a participação de cerca de 70 instituições — entre elas os Ministérios da Saúde, da Agricultura e Pecuária, da Defesa e do Meio Ambiente.

Tomou como base as seis linhas de ação do plano da Quadripartite e acrescentou uma sétima, bem brasileira: a participação social. São 18 diretrizes e dezenas de macroações, que vão da prevenção de pandemias ao controle de zoonoses, da segurança dos alimentos à resistência antimicrobiana e à integração ambiental.

Em novembro de 2025, o Ministério da Saúde apresentou o plano, construído entre agosto de 2024 e novembro de 2025, com mais de 90 ações.

Quero ser justo e crítico ao mesmo tempo. O plano é uma conquista. Mas plano não vacina cão, não drena rua alagada, não devolve mata ciliar. Sanitaristas da Saúde Coletiva já apontaram que falta integrar com força a vigilância e a atenção básica nos territórios da Saúde da Família, e que a abordagem não pode virar só gestão de risco, esquecendo os determinantes sociais.

Eu acrescento: falta o médico-veterinário onde a vida acontece. Nos NASF e e-Multi, nas equipes de resposta a desastres, nas salas de situação dos municípios. A versão operacional — com metas, responsáveis e indicadores — é onde o discurso vai virar orçamento ou virar gaveta. E isso depende de nós cobrarmos.

QUANDO O PACÍFICO ESQUENTA, O QUINTAL ADOECE. O El Niño é um velho conhecido. Mas o El Niño de 2023–2024 caiu sobre um planeta já febril, e o resultado foi um retrato cruel do que vem por aí.

No Norte, a seca de 2023 baixou os rios da Amazônia a níveis críticos. No Lago Tefé, a água chegou a 39,1 °C, e mais de 150 botos-vermelhos e tucuxis morreram em uma semana — cerca de 10% da população do lago.

Comunidades ribeirinhas ficaram sem água potável, sem peixe, sem barco para chegar ao posto de saúde. Os botos eram sentinelas, e o que eles nos disseram foi: o ecossistema inteiro está em sofrimento.

No começo de 2024, o calor e a chuva irregular ajudaram a produzir a maior epidemia de dengue da nossa história. O país passou de seis milhões de casos prováveis ainda em junho, mais que o triplo de 2023, e as próprias autoridades sanitárias atribuíram parte do salto às mudanças climáticas acentuadas pelo El Niño. Na mesma esteira, a febre Oropouche saiu da Amazônia e apareceu onde nunca tinha sido vista.

E então o Sul afundou. Em maio de 2024, as enchentes do Rio Grande do Sul deixaram centenas de milhares de desalojados e um rastro sanitário que todo veterinário reconhece. Entre abril e agosto, o estado registrou 910 casos e 79 óbitos por leptospirose, quase três vezes os casos dos seis meses anteriores.

Nos boletins de vigilância apareceram também atendimentos antirrábicos, acidentes com animais peçonhentos e tétano. E houve as imagens que não saem da cabeça: o cavalo ilhado no telhado em Canoas, os cães resgatados de barco, os abrigos improvisados onde gente e bicho dormiram lado a lado, porque ninguém aceitava deixar sua família de quatro patas para trás.

Aqui mora uma lição que eu gostaria que todo gestor aprendesse. Desastre não é natural. A chuva é natural; o desastre é social. Ele escolhe o morador da encosta, da beira do rio, da periferia sem saneamento. É ali que o rato prolifera, que o Aedes encontra água parada, que o cão não é vacinado, que a esporotricose felina se espalha de gato em gato e de gato para gente, como vimos no Rio de Janeiro desde o fim dos anos 1990.

Vulnerabilidade socioambiental é isso: a sobreposição de pobreza, ambiente degradado e ausência do Estado. A Saúde Única que não enxerga desigualdade é uma Saúde Única pela metade. E o animal de companhia tem um papel que ainda subestimamos. Ele é membro da família, é motivo para muita gente se recusar a evacuar, é fonte de afeto no luto e é também um elo epidemiológico.

Planos de contingência sem protocolo para animais falham com as pessoas. Isso não é sentimentalismo; é evidência de campo. »

Foto: banco de imagens CBG

O VERDE QUE SE PERDE. O Brasil vive uma dicotomia que dá nó na garganta. Somos a maior biodiversidade do planeta e, ao mesmo tempo, uma das maiores fronteiras agrícolas do mundo. O agronegócio alimenta gente aqui e lá fora, gera emprego e divisas — seria desonesto negar.

Mas o verde que se perde na conversão de biomas cobra uma conta que não aparece no balanço da safra.

O Cerrado, berço das águas que abastecem boa parte do país, já perdeu perto da metade da sua vegetação nativa, e a fronteira avança sobre o Matopiba. Na Amazônia, cada borda nova de floresta derrubada é uma porta aberta: o contato entre gente, animal doméstico e fauna silvestre se intensifica exatamente onde a vigilância é mais fraca.

A ecologia das doenças mostra isso há décadas. Quando se simplifica um ecossistema, perdem-se os predadores e as espécies que diluem a transmissão, e sobram os roedores, os morcegos e os vetores generalistas que vivem bem ao nosso redor.

É a receita para hantavírus, leishmanioses, febre maculosa, arboviroses.

A febre amarela de 2016 a 2018 foi aula prática. Os bugios morreram primeiro, nas matas fragmentadas do Sudeste, e o vírus chegou perto das metrópoles.

Muitos macacos foram mortos por pessoas com medo, quando eram, na verdade, os nossos alarmes. A leishmaniose visceral, que eu acompanho de perto com a plataforma VICONSAGA junto ao CCZ de Volta Redonda, saiu do sertão e se urbanizou, levada pelo flebotomíneo que se adaptou às periferias e pelo cão que mora no quintal sem matéria orgânica recolhida.

E a gripe aviária H5N1, que circula em aves silvestres e mamíferos marinhos pelo mundo, chegou à avicultura comercial brasileira em 2025, lembrando que a fronteira entre o silvestre e o produtivo é mais fina do que gostaríamos.

Tem ainda o veneno que não se vê. O uso intensivo de agrotóxicos contamina água e solo, adoece trabalhadores rurais e abelhas. O uso de antimicrobianos na produção animal, quando feito sem critério, alimenta a resistência que depois aparece na UTI humana e no paciente canino com infecção urinária que não responde a nada. Saúde vegetal, animal e humana estão no mesmo prato.

Não se trata de escolher entre comida e floresta. Esse é um falso dilema. Há ciência, tecnologia e terra degradada suficiente para produzir mais sem desmatar mais: recuperação de pastagens, integração lavoura-pecuária-floresta, rastreabilidade, pagamento por serviços ambientais.

O que falta é decisão política e um mercado que pague pelo que preserva. A Saúde Única dá a esse debate o argumento que faltava: proteger o bioma é também política de prevenção de pandemias. É mais barato manter a floresta em pé do que pagar a próxima emergência sanitária.

ONTEM, HOJE E AMANHÃ. Os desafios do passado foram, em grande parte, os da fragmentação. Cada profissão no seu quadrado, cada ministério com seu sistema de informação, cada doença com seu programa vertical. Quantas vezes o caso humano de leishmaniose foi notificado sem que ninguém fosse ao quintal ver o cão? Quantas vezes o gato com esporotricose foi atendido sem que a família fosse orientada? Pagamos caro por essa surdez institucional.

Os desafios do presente são de escala e de velocidade. A crise climática acelera tudo: vetores que sobem a serra e descem para o Sul, eventos extremos mais frequentes, safras e rebanhos em risco.

A resistência antimicrobiana avança em silêncio. A desinformação, que vimos explodir na pandemia, ataca vacinas humanas e, cada vez mais, vacinas animais também. E a governança global ainda engatinha: o Acordo de Pandemias aprovado pela Assembleia Mundial da Saúde em 2025 é um avanço, mas só terá força se reconhecer, na prática, que a prevenção começa na interface com os animais e o ambiente, antes do primeiro paciente.

Os desafios do futuro já batem à porta. Teremos de produzir comida para mais gente com menos água e menos terra nova. Teremos de vigiar patógenos em tempo real, com dados integrados de clínicas veterinárias, laboratórios, hospitais e satélites. Teremos de formar profissionais que saibam conversar entre si. E teremos de decidir, como sociedade, se vamos tratar a natureza como estoque ou como casa.

E, AINDA ASSIM, ESPERANÇA. Eu termino com esperança porque já vi a Saúde Única funcionar. Vi agentes de endemias, veterinários e enfermeiros de mãos dadas num mutirão de controle de leishmaniose.

Vi um aplicativo de celular, construído com gente do território, encurtar o caminho entre o caso suspeito e a ação. Vi jovens estudantes em hackathons de saúde inventarem soluções que o sistema levaria anos para imaginar. Vi o Brasil, que tem o SUS — um dos maiores sistemas públicos e universais do mundo —, ganhar uma lei, um comitê e um plano.

O que nós, veterinários de pequenos animais, podemos fazer? Muito. Notificar. Perguntar ao responsável onde ele mora, se há criança em casa, se a rua alaga. Prescrever antimicrobiano com critério. Orientar sobre vacinação, castração e controle de vetores como quem cuida da família inteira, não só do paciente na mesa. Ocupar os conselhos municipais de saúde, as comissões de defesa civil, as salas de aula. Escrever, publicar, falar. A clínica veterinária é uma unidade de vigilância que o Brasil ainda não aprendeu a usar — e nós podemos ensinar.

Não se deve olhar para o cão que dorme no seu consultório, para o gato que observa da janela, para a árvore na calçada e para a pessoa que espera na recepção. É tudo uma coisa só. Sempre foi. A diferença é que agora sabemos, temos nome para isso e temos lei. Falta só o mais difícil — e o mais bonito: fazer junto. ◘

Para ver as referências, acesse o **QR Code** ao lado

***Paulo Abilio Varella Lisboa**, médico-veterinário, doutor em Ciências Veterinárias, pesquisador da Fiocruz e titular da Academia Brasileira de Medicina Veterinária.*
***Jessika Caroline Ferreira da Silva**, médica-veterinária, pós-graduada em Medicina Felina.*



ÔMEGA-3 COM ORIGEM RASTREÁVEL: O QUE A CERTIFICAÇÃO ACRESCENTA À LINHA OGRAX

SELO FRIEND OF THE SEA REFORÇA CRITÉRIOS DE PESCA SUSTENTÁVEL, PROCEDÊNCIA E CONTROLE DA MATÉRIA-PRIMA UTILIZADA NOS PRODUTOS

O ômega-3 é amplamente utilizado na suplementação de cães e gatos por reunir ácidos graxos envolvidos em diferentes processos fisiológicos do organismo. A concentração de EPA (ácido eicosapentaenoico) e DHA (ácido docosahexaenoico) está entre os principais aspectos avaliados em uma formulação, mas a qualidade do produto envolve outros critérios.

Entre eles estão a forma como a matéria-prima é obtida, os controles adotados ao longo da cadeia produtiva e os critérios de sustentabilidade relacionados à exploração dos recursos marinhos. É justamente nesse ponto que certificações, como o selo Friend of the Sea, ganham relevância.

Criado pela Organização Mundial da Sustentabilidade, ele estabelece critérios para produtos de origem marinha que incluem pesca sustentável, rastreabilidade da matéria-prima e responsabilidade ambiental e social.

A manutenção da certificação também envolve um rigoroso processo de controle, com auditorias periódicas realizadas por organismos independentes para verificar se os critérios exigidos continuam sendo atendidos ao longo do tempo.

Atendendo a esse rigoroso processo de seleção, toda a linha Ograx, da Avert Biolab Saúde Animal, conta com o selo. Pioneira e referência no mercado brasileiro de suplementação com ômega-3, a linha reúne diferentes formulações e concentrações, está presente também no mercado canadense e atende a diversas demandas da prática veterinária.

"Quando trabalhamos com um ingrediente em grande escala, conhecer sua procedência ganha ainda mais importância. A certificação permite levar essa informação até o médico-veterinário e demonstra o nosso compromisso com a sustentabilidade", explica Marcella Vilhena, médica-veterinária e gerente de produtos da Avert Biolab Saúde Animal.

UMA LINHA PARA DIFERENTES DEMANDAS DA ROTINA VETERINÁRIA. A linha Ograx apresenta concentrações distintas de EPA e DHA, permitindo que o médico-veterinário adeque o aporte de acordo com as características e necessidades de cada animal. O portfólio utiliza matérias-primas de grau farmacêutico.

Os produtos também associam outros nutrientes de acordo com a proposta de uso. Ograx Derme, por exemplo, combina óleo de peixe ao óleo de borragem, fonte de GLA e ácido linoleico, enquanto outras apresentações incluem componentes como vitamina E, vitamina C e selênio. "Mais do que oferecer diferentes concentrações, buscamos construir uma linha que permita ao médico-veterinário encontrar formulações adequadas a diferentes momentos e necessidades da prática clínica. A certificação passa a ser mais um atributo comum a esse portfólio", destaca Marcella.

Ao incorporar o selo Friend of the Sea a todas as apresentações, a Ograx acrescenta um critério de sustentabilidade a um portfólio já estruturado para diferentes demandas da medicina veterinária.

A certificação reforça o compromisso da Avert com qualidade e responsabilidade ambiental, porque cuidar da saúde dos animais também passa pelo cuidado com os recursos do planeta.



BLOQUEIO REGIONAL PARA MANEJO DE DOR EM CÃES E GATOS

TÉCNICA PODE SER EMPREGADA EM **PROCEDIMENTOS CIRÚRGICOS** E COMO ALIADA NO TRATAMENTO DE DORES CRÔNICAS

› **DANIELLE ASSIS**
danielle@dc7comunica.com.br

O controle da dor é um tema cada vez mais discutido na Medicina Veterinária, tendo como foco promover conforto e qualidade de vida a cães e gatos.

Uma das ferramentas usadas para essa finalidade é o bloqueio regional, técnica na qual ocorre a administração de anestésicos locais em região próxima a nervos, plexos ou planos fasciais para interromper temporariamente a transmissão do estímulo doloroso.

Para Vinicius Meneses, médico-veterinário formado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e pós-graduado em

Anestesiologia e Clínica da Dor, dentro do manejo da analgesia o método tem um papel extremamente importante, pois permite atuar diretamente sobre a via nociceptiva antes que o estímulo doloroso chegue ao sistema nervoso central. "Na prática, conseguimos oferecer melhor analgesia e, ao mesmo tempo, reduzir a necessidade de anestésicos gerais e analgésicos sistêmicos", afirma.

As indicações dos bloqueios regionais são amplas. Dentre elas, está o período perioperatório de cirurgias ortopédicas, abdominais, torácicas e odontológicas, por exemplo.

Segundo o profissional, algumas técnicas podem, ainda, ser empregadas no manejo de condições dolorosas crônicas, principalmente musculoesqueléticas e neuropáticas em associação a um plano terapêutico.

Como benefício principal está a melhora da qualidade da analgesia, visto que ao bloquear a transmissão do estímulo nociceptivo em uma região é possível reduzir a necessidade de opioides e anestésicos intravenosos ou inalatórios.

"Isso pode proporcionar maior estabilidade anestésica, menor depressão cardiovascular e respiratória relacionada aos fármacos e uma recuperação mais confortável do paciente", comenta.

ULTRASSOM COMO FERRAMENTA. A ultrassonografia frequentemente é associada à realização dos bloqueios regionais. A vantagem da técnica é evitar a aplicação das medicações com base apenas em estimativas anatômicas.

Vinicius destaca que com o ultrassom o médico-veterinário consegue identificar nervos, vasos sanguíneos, músculos, fáscias, pleura, peritônio e outras estruturas importantes, além de acompanhar o posicionamento da agulha e até observar a dispersão do anestésico local. Logo, o uso do equipamento aumenta a precisão e cria uma camada adicional de segurança.

No entanto, o ultrassom não substitui o conhecimento de anatomia. "Pelo contrário, para utilizar bem a técnica é preciso conhecer ainda mais anatomia e sonoanatomia", afirma.

Além disso, como a ultrassonografia fornece mais precisão ao profissional, é possível fazer uso racional do anestésico local, dependendo da técnica empregada. Porém, o volume da medicação não deve ser reduzido de forma indiscriminada.

Conforme relata o veterinário, o volume e a concentração do fármaco dependem do bloqueio escolhido, do anestésico local utilizado, da duração de analgesia pretendida, da extensão do território a ser bloqueado, do peso do paciente e, principalmente, da dose total em mg/kg. "Esse último ponto é fundamental. Independentemente do volume utilizado, precisamos sempre calcular a dose total de anestésico local administrada ao paciente", destaca.

APLICABILIDADES. Atualmente, existe uma ampla variedade de técnicas de bloqueio regional guiado por ultrassom.

Na região de membros, estão disponíveis os bloqueios do plexo braquial e abordagens específicas em nervos, como femoral e ciático. Já no abdômen, há técnicas como o TAP block e o bloqueio do quadrado lombar, enquanto no tórax existem os bloqueios intercostais e do plano do serrátil. "Também temos disponíveis técnicas importantes para cabeça e pescoço, como bloqueios maxilar, mandibular, infraorbitário e alternativas voltadas a procedimentos oftálmicos", pontua Meneses. De modo geral, os bloqueios anestésicos em membros, abdômen, tórax e cabeça são os mais frequentes.

Outro ponto importante é que, em praticamente qualquer procedimento no qual exista um território nociceptivo, a técnica pode ser empregada.

"Os benefícios são particularmente evidentes em cirurgias ortopédicas, amputações, procedimentos odontológicos, cirurgias oftálmicas, intervenções torácicas e procedimentos abdominais. Quanto maior a intensidade esperada do estímulo nociceptivo, maior tende a ser a importância de pensar »



Fotos: banco de imagens C8G

antecipadamente em um bom planejamento analgésico", analisa Vinicius.

Além disso, pacientes que recebem analgesia adequada durante procedimentos cirúrgicos tendem a necessitar de menor quantidade de outros anestésicos e apresentam menor carga nociceptiva no pós-operatório.

De acordo com o médico-veterinário, isso pode se traduzir em despertar mais tranquilo, menor necessidade de analgesia de resgate e possibilidade de movimentação e alimentação mais precoces, dependendo do procedimento.

A técnica também é considerada viável para pacientes com dor crônica. No entanto, nesses casos, é indicada como um componente da abordagem multimodal, não sendo recomendada como única alternativa para analgesia.

RISCOS E CUIDADOS. A ultrassonografia aumenta a segurança do procedimento ao permitir que o médico-veterinário visualize as estruturas adjacentes, acompanhe o trajeto da agulha e avalie a dispersão da solução. Porém, não elimina completamente o risco.

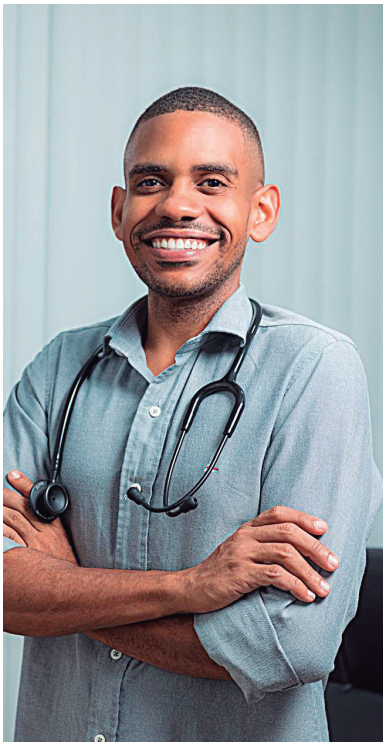
Dessa forma, entre os principais perigos dos bloqueios regionais estão punção vascular, lesão de estruturas adjacentes, injeção intravascular, traumatismo neural e toxicidade sistêmica pelos anestésicos locais. "Dependendo da técnica, existem ainda riscos específicos relacionados à anatomia da região abordada", explica Vinicius.

Inclusive, a toxicidade sistêmica dos anestésicos locais continua sendo uma preocupação quando se fala em analgesia regional, especialmente quando diferentes bloqueios são associados no mesmo paciente, necessitando que todas as doses sejam somadas.

Segundo o profissional, não basta saber quantos mililitros de medicação foram utilizados, é preciso saber quantos miligramas de anestésico local o paciente recebeu por quilograma.

"Devemos considerar o anestésico escolhido, concentração, vascularização do local, condição clínica do paciente e possibilidade de administração intravascular inadvertida. O cálculo deve ser realizado antes da execução do bloqueio, e não depois", orienta.

Existem, ainda, riscos conhecidos após a execução do bloqueio regional, como infecção no local de punção, impossibilidade de identificação adequada das estruturas, alterações anatômicas importantes e certas condições relacionadas à coagulação, que podem contraindicar ou modificar a escolha da técnica.



Vinicius Meneses, médico-veterinário pós-graduado em Anestesiologia e Clínica da Dor

Também é preciso atenção especial no caso de pacientes muito pequenos, debilitados ou com condições que possam alterar a farmacocinética dos anestésicos locais, principalmente quando existe a possibilidade de utilização de múltiplos bloqueios. "A pergunta não deve ser somente 'eu consigo fazer esse bloqueio?', mas sim 'esse paciente realmente se beneficia dele e qual é o risco envolvido?'", pontua Meneses.

CUIDADOS ANTES, DURANTE E DEPOIS. Para determinar qual bloqueio regional realizar, é importante avaliar a fonte do estímulo doloroso. Em seguida, Vinicius recomenda entender a inervação daquele território e identificar qual técnica é capaz de interceptar adequadamente essa via.

Quando aplicado em procedimentos cirúrgicos, a indicação é não escolher o bloqueio primeiro e tentar adaptá-lo à cirurgia depois. "A anatomia do procedimento é que deve determinar a estratégia de bloqueio", afirma.

Após definido o emprego da técnica, o paciente deve receber monitorização compatível com a anestesia, sendo importante acompanhar alguns parâmetros, como frequência e ritmo cardíaco, pressão arterial, oxigenação, ventilação, temperatura e profundidade anestésica.

De acordo com o profissional, também se deve observar a resposta ao estímulo cirúrgico, visto que ela fornece informações importantes sobre a efetividade do protocolo analgésico.

Já após o procedimento, é fundamental continuar avaliando dor, nível de consciência, função motora, quando aplicável, e possíveis alterações compatíveis com complicações. "O bloqueio não termina quando retiramos a agulha. É preciso acompanhar o paciente", destaca.

CÃES *VERSUS* GATOS. As diferenças anatômicas, farmacológicas e no tamanho corporal entre cães e gatos precisam ser consideradas antes da realização de um bloqueio regional.

Segundo Meneses, nos gatos, por exemplo, o tamanho frequentemente menor do paciente faz com que pequenos volumes representem proporcionalmente doses importantes de anestésico local. Isso exige ainda mais atenção ao cálculo em mg/kg e à soma das doses quando diferentes técnicas são utilizadas. Além disso, algumas abordagens também precisam ser adaptadas às particularidades anatômicas de cada espécie.

Todavia, de modo geral, o princípio da técnica permanece o mesmo independentemente do paciente, sendo indispensável treinamento, conhecimento anatômico, cálculo correto de doses e execução criteriosa.

Para Vinicius, a anestesia regional evoluiu muito na Medicina Veterinária, principalmente com a incorporação do ultrassom. "Entretanto, acredito que o maior avanço não seja simplesmente termos aprendido a realizar mais bloqueios e, sim, termos passado a pensar mais sobre dor, nocicepção e sobre como proteger o paciente durante todo o período perioperatório", finaliza. ◘

Foto: divulgação

LANÇAMENTOS

INOVAÇÃO AGENER. MAIS SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA PARA OS PETS.

Convless®

1º PRIMEIRO FENOBARBITAL PARA USO VETERINÁRIO.

A escolha de confiança para o controle das crises convulsivas em cães.

Conheça o **Convless®**
Escaneie o QR Code e saiba mais.



Oralclin

Cuidado que aproxima!

Higiene oral prática no dia a dia do seu pet.

Solução completa para **cães e gatos,** que facilita a rotina e promove mais saúde.

Conheça o **Oralclin**
Escaneie o QR Code e saiba mais.



A família cresceu

Conheça o **Aliv Pet®**
Escaneie o QR Code e saiba mais.



Aliv Pet®



Agener: contribui com o cuidado do planeta e dos pets abandonados.

Raízes da União

AMPARA Animal

Aponte a câmera do celular e saiba mais sobre o portfólio da Agener.

Siga agener.oficial

www.agener.com.br - SAC: 0800 701 1799

Consulte sempre um Médico Veterinário.

AGENER UNIÃO SAÚDE ANIMAL

DA AVALIAÇÃO CORPORAL AO MANEJO

COMO ENFRENTAR A **SARCOPENIA FELINA**

› DANIELLE ASSIS
danielle@dc7comunica.com.br



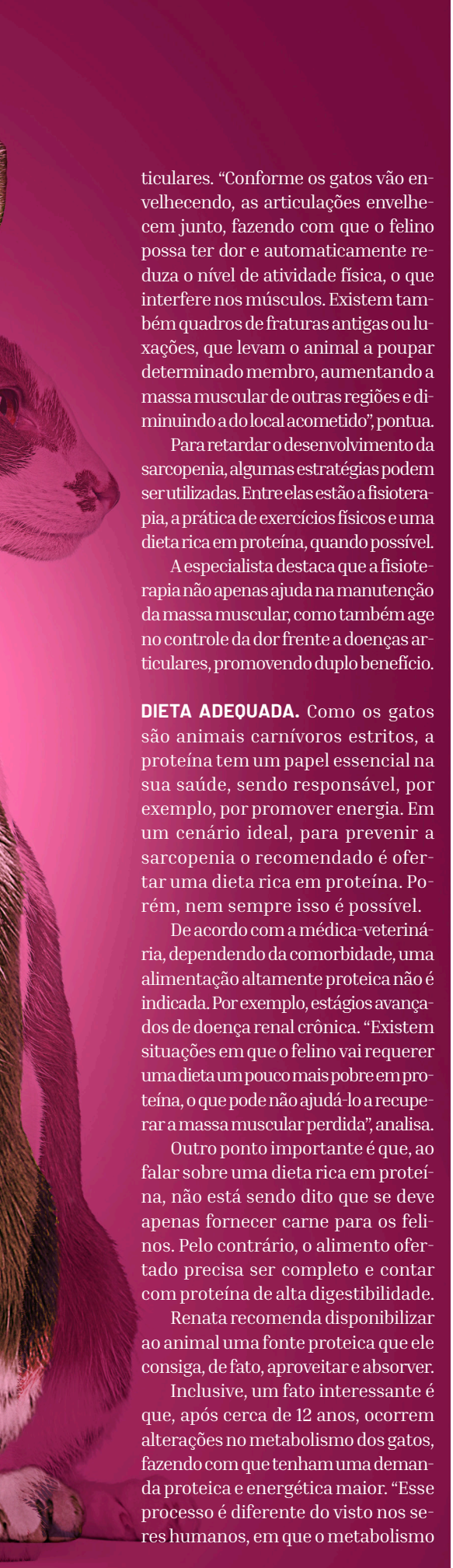
Como o envelhecimento, o corpo dos animais passa por uma série de mudanças, entre elas a perda de massa muscular, conhecida como sarcopenia.

Durante esse processo é comum observar alguns sinais, como maior facilidade em ver os ossos dos animais, como o osso do crânio, as vértebras e as costelas. Contudo, existe uma diferença importante entre sarcopenia e caquexia, caracterizada pela perda de peso. "Existem, por exemplo, gatos em sobrepeso ou obesos, que mesmo assim são sarcopênicos, ou seja, apresentam perda da massa muscular", afirma Renata Beccaccia Camozzi, médica-veterinária especialista em Medicina Felina pelo American Board of Veterinary Practitioners, diretora do Hospital 4cats e presidente do conselho científico da Academia Brasileira de Clínicos de Felinos (ABFel).

Segundo a profissional, geralmente, a caquexia está associada a alguma doença, como as neoplasias e as enfermidades cardíacas e renais, e consiste na perda de peso importante, acentuada e rápida. Por outro lado, a sarcopenia é comum no envelhecimento. "Os dois processos são relativamente similares no que diz respeito à perda de massa muscular. Porém, um está necessariamente relacionado a uma doença (caquexia) e o outro, não. Todos os gatos vão perder massa muscular, mas em diferentes graus. E existem maneiras de prevenir que essa perda seja acentuada, como através da oferta de dieta de alta qualidade, prática de atividades físicas, fisioterapia etc.", pontua.

IMPORTÂNCIA DA MASSA MUSCULAR. Renata explica que os músculos têm como função principal promover sustentação ao corpo e garantem que o felino consiga continuar realizando suas atividades. Logo, são essenciais não apenas para a saúde, como também para a longevidade dos animais.

Mesmo acontecendo de forma natural, existem condições que podem acelerar a sarcopenia, como as doenças crônicas, tais quais as enfermidades ar-



ticulares. “Conforme os gatos vão envelhecendo, as articulações envelhecem junto, fazendo com que o felino possa ter dor e automaticamente reduza o nível de atividade física, o que interfere nos músculos. Existem também quadros de fraturas antigas ou luxações, que levam o animal a poupar determinado membro, aumentando a massa muscular de outras regiões e diminuindo a do local acometido”, pontua.

Para retardar o desenvolvimento da sarcopenia, algumas estratégias podem ser utilizadas. Entre elas estão a fisioterapia, a prática de exercícios físicos e uma dieta rica em proteína, quando possível.

A especialista destaca que a fisioterapia não apenas ajuda na manutenção da massa muscular, como também age no controle da dor frente a doenças articulares, promovendo duplo benefício.

DIETA ADEQUADA. Como os gatos são animais carnívoros estritos, a proteína tem um papel essencial na sua saúde, sendo responsável, por exemplo, por promover energia. Em um cenário ideal, para prevenir a sarcopenia o recomendado é ofertar uma dieta rica em proteína. Porém, nem sempre isso é possível.

De acordo com a médica-veterinária, dependendo da comorbidade, uma alimentação altamente proteica não é indicada. Por exemplo, estágios avançados de doença renal crônica. “Existem situações em que o felino vai requerer uma dieta um pouco mais pobre em proteína, o que pode não ajudá-lo a recuperar a massa muscular perdida”, analisa.

Outro ponto importante é que, ao falar sobre uma dieta rica em proteína, não está sendo dito que se deve apenas fornecer carne para os felinos. Pelo contrário, o alimento ofertado precisa ser completo e contar com proteína de alta digestibilidade.

Renata recomenda disponibilizar ao animal uma fonte proteica que ele consiga, de fato, aproveitar e absorver.

Inclusive, um fato interessante é que, após cerca de 12 anos, ocorrem alterações no metabolismo dos gatos, fazendo com que tenham uma demanda proteica e energética maior. “Esse processo é diferente do visto nos seres humanos, em que o metabolismo se torna mais lento. Nos gatos é o contrário, muitas vezes, eles passam a comer mais justamente porque sua demanda metabólica aumenta”, pontua.

Devido a isso, ao estabelecer uma dieta visando recuperar a sarcopenia ou preveni-la e, ainda, atender às demandas das comorbidades, pode ser importante o auxílio de um médico-veterinário especializado em Nutrição e Nutrologia.

Independentemente desse aspecto, o ponto central é ofertar um alimento de boa qualidade, alta digestibilidade e com a quantidade proteica adequada. “Se temos um animal com sarcopenia ou caquexia acentuada, às vezes, precisamos abrir mão de uma ração coadjuvante para determinadas doenças e optar por um alimento com índice de proteína mais alto. Na prática, o veterinário responsável deve avaliar qual tipo de dieta pode suprir melhor as demandas daquele momento”, aconselha a especialista.

DIAGNÓSTICO DA SARCOPENIA. Existem alguns sinais que apontam para a presença de sarcopenia nos gatos. Em casa, os responsáveis podem notar a região das pernas mais magra, o osso do crânio marcado e costelas fáceis de palpar.

A condição nem sempre irá ser vista através de mudanças no peso, pois não é incomum ocorrer troca da proporção de massa muscular por gordura.

Por isso, é indispensável a avaliação da massa muscular durante as consultas. Renata explica que existe uma escala para essa análise dividida em quatro pontos, que é realizada em diferentes áreas do corpo do animal.

“A inspeção e a palpação, executadas durante o exame clínico completo, ajudam bastante a diagnosticar a sarcopenia. No entanto, é importante não atribuir toda perda de massa muscular à sarcopenia. Existem situações em que o felino está tendo perda de massa e emagrecimento devido a alguma doença”, destaca a veterinária.

Dessa forma, é indispensável realizar uma investigação completa da saúde do animal, inclusive através de exames, para descobrir se o problema está apenas relacionado ao envelhecimento ou se há algum outro motivo para a condição.



Renata Beccaccia Camozzi, médica-veterinária especialista em Medicina Felina, diretora do Hospital 4cats e presidente do conselho científico da Academia Brasileira de Clínicos de Felinos (ABFel)

EXERCÍCIOS FÍSICOS COMO ALIADOS. Muitas vezes, a prática de exercícios físicos é mais associada aos cães do que aos gatos. Mas, quando se fala em sarcopenia, ela é uma ótima estratégia para os felinos. Segundo a profissional, é comum que os responsáveis tenham a ideia de que com o envelhecimento os animais ficam mais quietos e durmam mais. Por mais que em alguns casos isso seja verdade, essa apatia também pode ocorrer devido à presença de dor ou fraqueza muscular.

Contudo, a atividade física deve ser estimulada nos felinos, desde que adaptada às limitações da idade e às possíveis comorbidades. “Para isso, podemos realizar brincadeiras com varinhas e bolinhas, incluir degraus menores em locais que o animal goste de subir e até ofertar alimentadores interativos. Todos esses recursos ajudam na manutenção da massa muscular”, aconselha.

Já no caso de dores crônicas, a fisioterapia pode ser instituída, visto que fortalece e ajuda na manutenção da musculatura, assim como o uso de analgésicos. “Um gato com dor não responde a brincadeiras e evita se exercitar. Dessa forma, precisamos entender se há um processo doloroso envolvido e, ao solucioná-lo, conseguimos incentivar a prática de exercícios”, diz. ◘

Fotos: banco de imagens C&G e divulgação



Ana Paula Falcão de Moura Gierlich – OAB SP 323.302 | @anafalcaogierlich.oficial | https://lattes.cnpq.br/5817596737634511

Orçamento na clínica veterinária: quando o valor se transforma em conflito

Uma reclamação contra uma clínica veterinária pode começar não por uma intercorrência clínica, mas por uma conta. O responsável pelo animal autoriza um procedimento imaginando um valor e, na alta, recebe outro. A partir daí, a discussão financeira pode virar questionamento da conduta profissional.

O QUE DIZ A LEI. A relação entre a clínica e o responsável pelo animal é de consumo. O Código de Defesa do Consumidor (CDC) garante a informação clara sobre o serviço, inclusive o preço (art. 6º, III), e considera abusivo executar serviços sem orçamento prévio e autorização expressa do consumidor (art. 39, VI).

O orçamento deve discriminar mão de obra, materiais, condições de pagamento e prazos (art. 40). Os dez dias de validade, salvo estipulação em contrário, são o prazo para aceitar o valor (art. 40, § 1º); uma vez aprovado, o orçamento obriga as partes e só pode ser alterado por livre negociação (art. 40, § 2º). Não há, portanto, reajuste automático.

A PARTICULARIDADE DA MEDICINA VETERINÁRIA. O custo do tratamento nem sempre é previsível: a internação pode se prolongar, um exame pode revelar uma complicação. Por isso, o orçamento deve indicar o que inclui, o que não inclui e o que pode alterar o valor.

BOAS PRÁTICAS

■ Orçamento por escrito, aceito por meio verificável e arquivado no prontuário.

■ Itens discriminados e atualizações periódicas durante a internação.

■ Prever possíveis intercorrências não autoriza, de forma genérica, despesas adicionais: registre a informação sobre o acréscimo e a concordância do responsável, ressalvadas situações excepcionais devidamente justificadas.

■ Risco iminente: o Código de Ética (Resolução CFMV nº 1.138/2016, art. 9º, VII) dispensa o consentimento formal diante de iminente risco de morte ou de incapacidade permanente do paciente. Se não for possível aguardar a autorização, priorize as medidas indispensáveis, documente a justificativa clínica, os procedimentos e as tentativas de contato e comunique o responsável assim que possível. Os serviços realizados e os respectivos custos devem ser discriminados e justificados.

MEMORIZE ISSO! Na clínica veterinária, o preço também é informação. Um orçamento claro protege o responsável pelo animal da surpresa e ajuda a prevenir conflitos.

PARA REFLETIR. Quantos atendimentos tecnicamente impecáveis terminam em reclamação apenas porque o valor final não foi conversado a tempo? ◘

NA PRÓXIMA EDIÇÃO
Continuaremos trazendo reflexões e orientações que impactam o exercício da Medicina Veterinária Contemporânea. Envie dúvidas para: **vetfazdireito@institutodas.com.br**

Ana Paula Falcão de Moura Gierlich é advogada, especialista e mestranda em Direito Médico, doutoranda em Odontologia Legal, fundadora do Instituto DAS – Direito Aplicado à Saúde, Profa. Convidada em Direito Odontológico nos Cursos de Especialização, Mestrado e Doutorado em Odontologia Legal da Faculdade São Leopoldo Mandic – Campinas/SP. Conselheira em Empresas de Saúde pela Board Academy. Diretora de Compliance da EquoSorriso Equoterapia – São José dos Pinhais/PR, Co-fundadora da CODEGEE – Consultoria, Desenvolvimento e Gestão Empresarial Ltda. Criadora do Programa VET FAZ DIREITO – que auxilia médicos-veterinários e estabelecimentos a fortalecer processos, prevenir conflitos e exercer a profissão com mais segurança, tranquilidade e proteção reputacional. Contato: vetfazdireito @institutodas.com.br e www.institutodas.com.br



Diego Silva Mendes | Instagram: @doutordiegomendes | doutordiegomendes@gmail.com

A arte centenária do cuidado com pets idosos: os primeiros registros científicos sobre o envelhecimento animal

O interesse pelo envelhecimento atravessa milênios de história. Na Antiguidade, filósofos como Marco Túlio Cícero já refletiam sobre essa fase da vida, suas limitações e virtudes. No século V da Era Comum (E.C.), João Estobeu reuniu escritos de diferentes autores que retratavam as percepções sobre o avançar da idade. Entretanto, a transformação desse conhecimento em um campo de estudo médico sistematizado ocorreria muitos séculos depois.

Na Medicina Humana, George Edward Day publicou, em 1849, *A practical treatise on the domestic management and most important diseases of advanced life*, apresentando observações importantes sobre a saúde dos idosos. Já na Medicina Veterinária, um marco ocorreu em 1918, quando Ernest William Goodpasture publicou *An anatomical study of senescence in dogs, with especial reference to the relation of cellular changes of age to tumors*, que investigou alterações anatômicas e celulares associadas ao envelhecimento canino e suas possíveis relações com o desenvolvimento de neoplasias.

Os estudos sobre o envelhecimento felino também possuem uma trajetória histórica importante. Em 1931, Stanley Smyth Flower incluiu gatos domésticos em suas pesquisas sobre a longevidade dos mamíferos. A perspectiva clínica ganhou espaço com *Feline Geriatrics*, de John Edwin Whitehead (1963), e *The Geriatric Cat*, de Barry Charles Roger Griffiths (1968). Em 2016, Jan Bellows e colaboradores reuniram conhecimentos sobre as transformações físicas e funcionais observadas em gatos seniores.

Em 1957, Kobus van der Walt publicou o *Veterinary Gerontology: a short survey*, no qual definiu a gerontologia como a ciência dedicada ao estudo do envelhecimento, seus processos biológicos e suas consequências. Já a Geriatria foi apresentada como o campo voltado às alterações fisiológicas e patológicas que acometem os indivíduos após a maturidade, ressaltando que o envelhecimento, por si só, não deveria ser motivo para limitar o acesso dos pacientes aos cuidados veterinários.

Os avanços da biologia molecular marcaram uma nova etapa nas pesquisas sobre o envelhecimento. Em 2013, Carlos López-Otín e colaboradores descreveram nove características fundamentais desse processo. Dez anos depois, esse conjunto foi ampliado para doze, com a inclusão da macroautofagia desativada, da inflamação crônica e da disbiose. Esses estudos permitiram compreender melhor as alterações celulares e moleculares que ocorrem ao longo da vida e sua relação com o desenvolvimento de doenças associadas ao avanço da idade.

Atualmente, a Geriatria Veterinária desempenha um papel fundamental na promoção da saúde e da qualidade de vida de cães e gatos seniores, levando em consideração as particularidades de cada paciente. Assim, mais de um século após os estudos pioneiros sobre o envelhecimento animal, permanece uma premissa fundamental de que envelhecer bem não significa apenas viver mais, mas viver melhor. ◘

ACESSE O QR CODE PARA AS REFERÊNCIAS

Diego Silva Mendes é palestrante, professor e médico-veterinário graduado pela Universidade Cruzeiro do Sul; pós-graduado, em nível lato sensu, em Oncologia de Animais de Companhia pela UFRRJ; pós-graduando, em nível lato sensu, em Medicina Felina pela Tree Vet; mestrando em Gerontologia com ênfase no estudo do envelhecimento felino pelo Programa de Pós-graduação em Gerontologia da EACH-USP. Atualmente, é presidente da Sociedade Brasileira de Geriatria Veterinária; docente em diversos cursos de pós-graduação lato sensu em Geriatria e Oncologia em cães e gatos; membro do Grupo de Pesquisa do Envelhecimento Canino da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da UNESP de Botucatu



DA CONCEPÇÃO AO NASCIMENTO

O PAPEL DA **NUTRIÇÃO MATERNA** NO DESENVOLVIMENTO DE CÃES E GATOS

› THAIS XIMENES, MONIQUE PALUDETTI E ERIKA PEREIRA

Os cuidados nutricionais com fêmeas destinadas à reprodução devem ser iniciados muito antes da concepção, pois é nesse momento que o médico-veterinário tem a oportunidade de identificar e corrigir desequilíbrios capazes de comprometer a gestação e a saúde da ninhada.

Em casos de desnutrição ou obesidade, por exemplo, o excesso ou carência nutricional da mãe altera a produção de hormônios, citocinas e a função placentária, o que prejudica desde a implantação do embrião até o crescimento fetal e a viabilidade no parto [1].

Esses efeitos fundamentam o conceito de programação fetal, pelo qual o ambiente nutricional perinatal (durante a gestação e o início da vida do filhote) modula a expressão gênica e a suscetibilidade a doenças crônicas na vida adulta [1,3].

Em vista disso, é preconizado que antes da cobertura seja realizada a avaliação nutricional completa da cadela e da gata, incluindo anamnese detalhada, exame físico e determinação do Escore de Condição Corporal (ECC) e do Escore de Massa Muscular (EMM) [3,5].

A partir dessa avaliação prévia, além de ajustes nutricionais, também é possível realizar as mudanças dietéticas necessárias para que a fêmea esteja na condição corporal ideal no momento da cobertura, impactando diretamente no sucesso reprodutivo.

Cadelas e gatas obesas apresentam maior incidência de natimortos, distocias e necessidade de cesáreas, enquanto fêmeas abaixo do peso ideal têm menor taxa de concepção, maior risco de reabsorção embrionária, abortamento e ninhadas com baixo peso ao nascer [1–3].

Após a concepção, as exigências energéticas passam por alterações progressivas e específicas para cada espécie. Nas cadelas, a demanda por energia permanece próxima à de manutenção nos dois primeiros terços, elevando-se de 30% a 60% no terço final, momento de crescimento fetal mais significativo [1,3,6].

Já nas gatas, o ganho de peso e a exigência calórica aumentam de forma linear desde a concepção, alcançando de 1,6 a 2,0 vezes a necessidade de repouso ao final da gestação [1,3,6].

A lactação representa um dos períodos de maior exigência nutricional do ciclo reprodutivo, com o pico de produção de leite ocorrendo entre a terceira e a quarta



semana, quando a demanda energética da mãe pode alcançar de duas a seis vezes o seu gasto de repouso, proporcionalmente ao tamanho da ninhada [1,3,7].

Em decorrência disso, alimentos de baixa energia metabolizável, como dietas caseiras, alimentos comerciais úmidos e até mesmo alguns alimentos comerciais secos, precisariam ser ingeridos em grande quantidade para atingir o aporte diário necessário, muitas vezes ultrapassando a capacidade de distensão gástrica da fêmea. Portanto, é preconizado o fornecimento de alimentos comerciais secos de alta digestibilidade e densidade energética superior a 4.000kcal/kg na matéria seca para gestantes e lactantes[1,3,6].

Caso a ingestão calórica seja insuficiente, pode ocorrer mobilização intensa de reservas corporais, comprometendo não apenas a saúde e a condição corporal da mãe, mas também o aporte de nutrientes aos filhotes e o volume e a composição nutricional do leite [3,7].

O requerimento proteico também apresenta grande aumento, chegando 40 a 70% acima da manutenção, sendo indicado que sejam utilizadas proteínas com maior digestibilidade e melhor perfil de aminoácidos essenciais [1,2,8].

Deficiências proteicas ao longo da gestação em ambas as espécies resultam em baixo peso dos recém-nascidos, maior mortalidade neonatal e comprometimento do sistema imunológico, e na espécie felina, especificamente, a restrição de proteínas na gestação e na lactação foi associada a atrasos e alterações no desenvolvimento comportamental da ninhada [1,2,7].

Entre os micronutrientes de destaque estão os ácidos graxos poli-insaturados de cadeia longa (PUFAs). Cadelas e gatas gestantes apresentam capacidade metabólica limitada para sintetizar o ácido eicosapentaenóico (EPA) e o ácido docosahexaenóico (DHA) a partir do seu precursor ácido alfa-linolênico e de sintetizar ácido araquidônico a partir do ácido linoleico.

Dessa forma, é fundamental o fornecimento de fontes pré-formadas de EPA, DHA e ácido araquidônico na dieta durante esse período, pois a deficiência de ácidos graxos essenciais foi associada a partos prematuros, insuficiência placentária e ninhadas reduzidas [1,3,8].

Além disso, fêmeas suplementadas com EPA e DHA durante a gestação e lactação enriquecem significativamente a composição do colostro e do leite com estes ácidos graxos, gerando filhotes com melhor desenvolvimento cognitivo, capacidade de aprendizado, memória e acuidade visual [2,3,9].

Aminoácidos, minerais e vitaminas também apresentam mudanças em suas necessidades durante a fase reprodutiva, seja com aumento ou diminuição de sua necessidade. Entre eles, destaca-se o cálcio, mineral cuja necessidade aumenta durante esse período [6,8] .

Entretanto, é importante ressaltar que, caso a fêmea já receba um alimento completo e balanceado, é contraindicado que seja realizada a suplementação de cálcio, pois o excesso de cálcio ingerido suprime a secreção de paratormônio (PTH), induzindo atrofia das paratireoides e predispondo a fêmea a quadros graves de hipocalcemia pós-parto (eclampsia) no início da lactação [2,6].

Durante esse período, é fundamental que a relação cálcio e fósforo se mantenha entre 1:1 e 1,5:1 no caso das gatas e 1:1 e 1,6:1 nas cadelas [8].

De modo geral, alimentos comerciais completos e balanceados de qualidade e alta digestibilidade, especialmente para filhotes, podem atender a todas as demandas nutricionais sem que seja necessária qualquer suplementação adicional. Dietas caseiras, por sua vez, devem ser avaliadas com cautela.

Levantamentos realizados no Brasil e exterior indicaram que a maior parte das dietas caseiras formuladas sem acompanhamento especializado apresentam deficiências nutricionais graves [10,13].

Como consequência, pode haver ingestão de cálcio abaixo do necessário e inadequação da relação cálcio e fósforo, o que pode levar ao hiperparatireoidismo secundário nutricional (HSN) [10,11,13,14] .

Além disso, a carência de ácidos graxos, minerais, vitaminas e aminoácidos essenciais (especialmente taurina para espécie felina), pode comprometer a síntese tecidual, causar hipotrofia muscular, anemia, morte fetal, malformações, baixo peso ao nascer e prejuízo no desenvolvimento imunológico e cognitivo [1,2,10,11].

Somam-se a esses prejuízos, os riscos microbiológicos caso sejam utilizadas dietas caseiras cruas, com relatos documentados de abortamento tardio em cadela secundário à infecção por *Salmonella* [15], além do risco de exposição a *E. coli, Listeria spp., Toxoplasma gondii*, entre outras bactérias, protozoários e parasitas [16,19].

Por esses motivos, o uso de dietas cruas é contraindicado e o acompanhamento nutricional especializado, caso seja utilizada dieta caseira cozida, é indispensável para preservar a saúde da mãe e dos filhotes.

Com isso conclui-se que a nutrição da mãe constitui uma intervenção que, embora acessível, apresenta efeito significativo sobre a saúde reprodutiva e o desenvolvimento futuro da ninhada.

Respeitar os requerimentos nutricionais da fase de reprodução, assegurar que a fêmea receba um alimento completo e balanceado de qualidade e orientar os responsáveis sobre os riscos de dietas caseiras desbalanceadas, cruas ou de suplementações desnecessárias, são medidas fundamentais para favorecer o crescimento e a saúde dos filhotes. ◘

ACESSE O **QR CODE** AO LADO PARA AS REFERÊNCIAS

***Thais Ximenes**, médica-veterinária, ex-residente em Nutrição e Nutrição Clínica de Cães e Gatos pela UNESP/Jaboticabal e pós-graduanda em Endocrinologia Veterinária pela Equalis Veterinária. Clínica na área de Nutrição Clínica de cães e gatos. E-mail: thais.ximenes@unesp.br*
***Monique Paludetti**, médica-veterinária, ex-residente de Nutrição e Nutrição Clínica de Cães e Gatos pela UNESP/Jaboticabal, doutoranda em Clínica Médica com ênfase em Nutrição de Cães e Gatos pela FMVZ- USP e clínica na área de Nutrição de cães e gatos. E-mail: monique.paludetti@usp.br*
***Erika Pereira**, médica-veterinária com residência em Clínica Médica de Cães e Gatos pela UFF, especialização em Nutrição e Nutrologia pela ANCLIVEPA-SP e mestre pelo programa de Clínica Veterinária da FMVZ-USP. E-mail: mverikapereira@gmail.com*

Foto: banco de imagens C&G



Gabriela Mura | Linkedin.com/gabriela-mura

O antibiótico do pet também é um assunto de saúde da família

Entre 18 e 24 de novembro, OMS, FAO, OMSA e PNUMA promovem a Semana Mundial de Conscientização sobre Resistência aos Antimicrobianos. O lema é "One Health, one action: Prevent AMR now". A resistência acontece quando bactérias deixam de responder aos medicamentos e circulam entre pessoas, animais e ambiente. A OMS associa mais de 4,7 milhões de mortes por ano a infecções que já não respondem ao tratamento.

No Brasil, a conversa ficou restrita à pecuária, que sustenta a exportação de proteína animal. Em abril de 2026, o Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA) proibiu pela Portaria SDA nº 1.600 o uso em animais de produção dos antimicrobianos que a OMS classifica como críticos para a Medicina Humana. O cão e o gato quase não aparecem nesse debate, embora durmam na cama da família e recebam antibiótico prescrito em consultório.

Os estudos do Sindan mostram onde a cadeia perde. No Radar VET 2024, pesquisa realizada com 805 médicos-veterinários, 91% apontam o profissional como principal referência na prescrição de vacinas e medicamentos.

Já a Jornada do Shopper de Produtos Veterinários para Pets, da Comissão de Animais de Companhia (Comac) do Sindan em 2026, revela o outro lado dessa relação, com responsáveis que veem o antibiótico como uma das classes mais caras e espaçam a compra além do recomendado em tratamentos contínuos.

Um antibiótico interrompido antes do tempo seleciona as bactérias que sobrevivem. É assim que a resistência nasce dentro de casa.

O quadro começa a mudar. O Plano de Ação Nacional de Prevenção e Controle da Resistência aos Antimicrobianos (PAN-BR) 2026-2030, do Ministério da Saúde, traz pela primeira vez o Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV) e o MAPA na governança, sob a lógica da Saúde Única, e insere a veterinária de pequenos animais no compromisso global da OMSA e da OMS, válido até 2036.

No Congresso, projeto do deputado Pedro Westphalen (PP-RS) condiciona a venda de antibióticos veterinários em agropecuárias, clínicas e pet shops à receita retida no ato da compra. Aprovado na Comissão de Agricultura da Câmara em 2025, aguarda relatório na Comissão de Saúde e dependerá de regulamentação do MAPA.

O balanço da HealthforAnimals, entidade da indústria global de saúde animal, mostra que entre 2020 e 2025 as empresas investiram US$ 13,8 bilhões em pesquisa, enquanto a venda de antibióticos veterinários caía 59% no Reino Unido, 50% na União Europeia e 27% nos Estados Unidos. A redução veio de animais que adoeceram menos.

Vacinar, controlar parasitas, diagnosticar antes de medicar e explicar ao responsável por que o tratamento precisa ir até o fim reduzem a necessidade de antibiótico. Quando o país trata a resistência como um problema de uma só saúde, o antibiótico que o pet toma passa a ser também um assunto da família que vive com ele. ◘

NO RADAR VET 2024, PESQUISA REALIZADA COM 805 MÉDICOS-VETERINÁRIOS, 91% APONTAM O PROFISSIONAL COMO PRINCIPAL REFERÊNCIA NA PRESCRIÇÃO DE VACINAS E MEDICAMENTOS

Gabriela Mura
é diretora de mercado e assuntos regulatórios do Sindan

FÓRMULA NATURAL

100% SATISFAÇÃO GARANTIDA

VET CARE

DESENVOLVIDO POR **MÉDICOS VETERINÁRIOS**

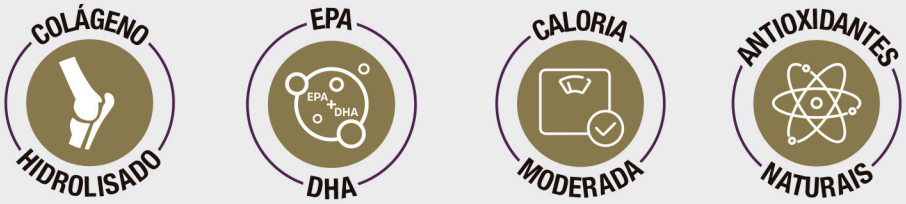


OSTEOARTRITE

Seco
2kg / 10,1kg



Fórmula Natural Vet Care Osteoartrite é um alimento coadjuvante que tem por objetivo colaborar para o manejo e qualidade de vida de cães diagnosticados com osteoartrite ou com predisposição a problemas articulares.



Este produto não substitui o tratamento convencional.

Conheça a linha completa
Fórmula Natural Vet Care

@formulanaturaloficial
www.formulanatural.com.br



HPDDG: FONTE DE PROTEÍNA DO MILHO NA NUTRIÇÃO PET

Uma digestibilidade aparente da proteína bruta de 91,2% em cães adultos. Esse foi um dos resultados obtidos com um ingrediente de biorrefinaria de milho em pesquisa da Universidade Federal do Paraná (Kaelle et al., 2023).

O trabalho também avaliou a preferência alimentar e a microbiota fecal, aproximando a discussão sobre essa fonte proteica de três temas relevantes para o formulador: aproveitamento dos nutrientes, aceitação do alimento e saúde intestinal.

Na produção de etanol, a fermentação do amido e a separação das frações do milho geram ingredientes com diferentes relações entre proteína, gordura e fibra. Entre eles estão o HPDDG (grãos secos de biorrefinaria com alto teor de proteína) e o DFS (fibra seca com solúveis), que oferecem possibilidades complementares em alimentos para cães e gatos.

HPDDG: DA PROTEÍNA DO MILHO À DIETA. No HPDDG, a fração proteica é produzida sem adição de sólidos solúveis e reúne proteínas do milho, lipídios remanescentes e componentes da fer-

mentação. Essa característica permite combinar esse ingrediente com o de outras matérias-primas na formulação.

No estudo conduzido na UFPR, quinze Beagles adultos receberam dietas com 0, 7, 14 ou 21% do ingrediente em substituição ao farelo de soja, com ajustes para manter as dietas isonutritivas.

O coeficiente de digestibilidade da proteína foi estimado pelo método de substituição. O HPDDG apresentou 91,2% de digestibilidade da proteína bruta e 5.041,8 kcal/kg de energia metabolizável. O valor é comparável ao do glúten de milho 60 (92,1%; Carciofi, 2008) e cerca de 15 pontos acima do DDGS convencional (76%; Silva et al., 2016).

A pesquisa também registrou aumento da diversidade da microbiota fecal e alterações em grupos bacterianos. Esses achados sugerem uma modulação potencialmente favorável à saúde intestinal dos cães.

PALATABILIDADE E A HIPÓTESE DO UMAMI. No teste de preferência com 16 cães, a dieta com 21% do ingrediente respondeu por 64% do consumo total das duas dietas oferecidas, na comparação com o controle. O resultado acrescenta uma dimensão sensorial à avaliação dessa fonte proteica.

Os autores discutem as leveduras da fermentação e o ácido glutâmico como possíveis contribuições à palatabilidade. O ingrediente avaliado apresentou 71,4 g/kg de ácido glutâmico na matéria seca.

A conexão com o umami passa pela forma livre do glutamato e sua interação com nucleotídeos, envolvidos na resposta gustativa dos cães (Kumazawa et al., 1991). Essa relação oferece uma hipótese para investigar como componentes do ingrediente participam da aceitação do alimento, somando interesse sensorial à sua contribuição nutricional.

DFS: FIBRA COM FUNÇÃO NA FÓRMULA. Na fração fibrosa, a adição de sólidos solúveis combina componentes da fibra do milho com outros nutrientes do processo. Essa composição abre espaço para explorar a fonte em conjunto com ingredientes como farelo de trigo e polpa de beterraba.

A fibra dietética total, suas proporções solúvel e insolúvel, e o perfil fermentativo, ajudam a compreender essa complementaridade. Componentes fermentáveis podem servir de substrato à microbiota, enquanto frações pouco fermentáveis contribuem para o volume fecal.

Para o nutricionista, conhecer essas características permite trabalhar combinações de fontes conforme o perfil de fibra desejado. A contribuição energética e o comportamento no processamento também participam dessa leitura.

UMA CADEIA QUE CRESCE E CONECTA ENERGIA E NUTRIÇÃO. As fontes proteica e fibrosa chegam à discussão sobre pet food a partir de uma cadeia industrial já instalada no Brasil. A oferta nacional de ingredientes para nutrição animal derivados do processo industrial de biorrefinarias acrescenta uma alternativa ao planejamento de compras e ao abastecimento de fábricas de ração.

O aproveitamento de diferentes frações do milho para produzir etanol, óleo de milho e ingredientes para nutrição animal também conecta essa cadeia à economia circular. A avaliação do ciclo de vida desses produtos oferece mais uma ferramenta para incorporar a dimensão ambiental à comparação entre alternativas.

Na formulação, essas frações ampliam as combinações entre fontes de proteína e de fibra. Seu espaço pode ser construído a partir de dados concretos de composição, digestibilidade e resposta sensorial, associados ao custo por unidade de nutriente e à proposta nutricional de cada alimento. ◘

Referências

Kaelle, G.C.B. et al. High-protein dried distillers grains in dog diets: diet digestibility and palatability, intestinal fermentation products, and fecal microbiota. Journal of Animal Science, 101:skad128, 2023. 10.1093/jas/skad128.

Kumazawa, T.; Nakamura, M.; Kurihara, K. Canine taste nerve responses to umami substances. Physiology & Behavior, 49(5):875-881, 1991. 10.1016/0031-9384(91)90197-V.

FEDIAF (Federação Europeia da Indústria de Alimentos para Animais de Estimação). Nutritional Guidelines for Complete and Complementary Pet Food for Cats and Dogs. 2025; Carbohydrate Expert Review. 2019; Product Environmental Footprint Category Rules for Pet Food. União Nacional do Etanol de Milho. Informações sobre os ingredientes brasileiros para nutrição animal. Site institucional. Consulta em 23 out. 2026.



Fotos: divulgação

PROTEÍNAS HIDROLISADAS

O QUE IMPORTA ALÉM DA QUEBRA?

FONTE PROTEICA, TAMANHO DOS PEPTÍDEOS, PROCESSAMENTO E COMPOSIÇÃO DA DIETA INFLUENCIAM A EFICÁCIA NO MANEJO DE REAÇÕES ADVERSAS AOS ALIMENTOS EM CÃES E GATOS

› STÉFANI CAMPOS CHAGAS
stefani@dc7comunica.com.br

Proteínas hidrolisadas são utilizadas principalmente em dietas para animais com suspeita ou diagnóstico de hipersensibilidade alimentar. Porém, a presença do ingrediente não determina sua eficácia.

Fonte proteica, processo de hidrólise, tamanho dos peptídeos e composição da fórmula precisam ser avaliados em conjunto. Para Gabriela Mascellani, zootecnista formada pela Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos da Universidade de São Paulo (FZEA-USP), com especialização em Nutrição de Cães e Gatos, consultora em desenvolvimento de produtos e responsável técnica de fábricas de pet food, compreender essas diferenças é fundamental para a aplicação clínica e o desenvolvimento desses alimentos.

DA PROTEÍNA A FRAGMENTOS MENORES. A hidrólise promove a quebra controlada da proteína, formando principalmente peptídeos menores e aminoá-

cidos livres. Pode ser ácida, alcalina ou enzimática, sendo esta última preferida em pet food e nutrição clínica por ocorrer em condições mais brandas.

O processo depende da proteína de origem, das enzimas e das condições de reação e processamento. Por isso, dois ingredientes classificados como "hidrolisados" podem apresentar características diferentes. Entre as fontes estão frango, subprodutos avícolas, peixe, soja e ervilha, e a escolha deve considerar o histórico alimentar.

O TAMANHO DOS PEPTÍDEOS IMPORTA. A hidrólise reduz a capacidade de determinados fragmentos desencadearem resposta imune. Na reação alérgica imediata, o alérgeno promove a ligação cruzada de IgE na superfície dos mastócitos, levando à liberação de histamina. Fragmentos menores têm menor capacidade de realizar essa ligação.

Não existe, porém, um tamanho universal que garanta ausência de reação. Quanto maior a hidrólise, menor tende a ser a presença de epítopos residuais, mas podem aumentar amargor, osmolaridade e custo. Além disso, no início do processo, a antigenicidade pode até aumentar quando regiões antes escondidas ficam expostas. "O que importa é a distribuição de massa molecular do ingrediente, não um percentual de hidrólise isolado", afirma Gabriela.

A FÓRMULA TAMBÉM CONTA. A fonte proteica deve considerar o objetivo do produto e a possibilidade de sensibilização prévia. Um animal sensibilizado ao frango, por exemplo, não deve receber automaticamente um hidrolisado dessa origem.

A formulação também exige atenção. Carboidratos e lipídios podem carregar proteínas residuais, enquanto óleos vegetais refinados podem conter traços proteicos. Nas fontes vegetais, o perfil de aminoácidos deve ser avaliado.

No processamento, a escolha das enzimas, a hidrólise e a ultrafiltração são importantes. O calor, isoladamente, não garante redução da alergenicidade e pode favorecer novos antígenos.

O ingrediente deve apresentar perfil de massa molecular e, idealmente, testes imunoquímicos por lote. Em um hidrolisado de frango analisado por Cave e Guilford, cerca de 89% da massa estava abaixo de 3 kDa e 11% acima. "Essa transparência é o que permite julgar o ingrediente", destaca a profissional.

DIGESTIBILIDADE E PALATABILIDADE. Hidrolisado não significa automaticamente maior digestibilidade. Dados de dietas comerciais não apontam diferenças expressivas em relação às proteínas intactas, embora hidrólises muito extensivas possam comprometer a utilização de nitrogênio.

A palatabilidade é outro desafio: peptídeos hidrofóbicos podem aumentar o amargor e a osmolaridade tende a ser maior. Além disso, dietas comerciais com proteínas hidrolisadas podem custar cerca de 50% mais por caloria.

Em gatos, é necessário considerar necessidades específicas de taurina, arginina e ácido araquidônico. Quando a fonte hidrolisada é vegetal, o equilíbrio nutricional deve ser avaliado com cuidado. A palatabilidade também requer testes com os próprios animais, já que as respostas podem diferir das humanas.

INDICAÇÃO EXIGE INVESTIGAÇÃO. A principal aplicação das dietas hidrolisadas é o diagnóstico e manejo da hipersensibilidade alimentar, especialmente quando o histórico é incerto ou o animal já foi exposto a diversas fontes proteicas. Há resultados preliminares em enteropatias inflamatórias refratárias, mas ainda são necessários estudos controlados.

A avaliação médico-veterinária é indispensável, pois prurido e sinais gastrointestinais podem ter diferentes causas. O diagnóstico envolve investigação, dieta de eliminação e reintrodução. Em estudos com cães, os protocolos para diagnóstico costumam durar de seis a oito semanas.

Mesmo o hidrolisado não garante ausência absoluta de reação. Em um estudo citado pela profissional, 21% dos cães sensibilizados ainda reagiram à dieta. A adesão também é essencial, incluindo a restrição de petiscos e outros produtos que possam introduzir novas fontes proteicas. "O acompanhamento também ajuda na adesão do responsável, que precisa evitar petiscos fora do protocolo", pontua Gabriela.

Na indústria, um alerta envolve os palatabilizantes. Hidrolisados de fígado suíno ou de aves usados para melhorar sabor e atratividade não devem ser confundidos automaticamente com hidrolisados desenvolvidos para reduzir a antigenicidade. "Ele é hidrolisado para dar sabor e atratividade, não para eliminar antigenicidade. Em minha experiência conversando com fornecedores, é comum que o fabricante não consiga garantir a quebra total da proteína", alerta a zootecnista.

Em linhas hipoalergênicas, o ingrediente deve ter espécie de origem e perfil de massa molecular documentados.

Entre as tendências estão a caracterização mais precisa dos ingredientes, com perfil de massa molecular e testes imunoquímicos; maior padronização entre lotes; diversificação das fontes; e pesquisas com hidrolisados parciais e peptídeos potencialmente tolerogênicos.

Para os profissionais, "hidrolisada" não é suficiente para definir qualidade ou indicação. Fonte, processamento, perfil dos peptídeos, formulação e controle de fabricação devem ser analisados em conjunto. "Hipoalergênico" exige evidências e não garante, por si só, ausência de reação. ◘



Gabriela Mascellani é zootecnista com especialização em Nutrição de Cães e Gatos, consultora em desenvolvimento de produtos e responsável técnica de fábricas de pet food

Fotos: banco de imagens C8G e divulgação

NATTU WILD UNE NUTRIÇÃO NATURAL E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE

LINHA DA PREMIERPET COMBINA INGREDIENTES SELECIONADOS, FÓRMULAS PARA CÃES E GATOS E APOIO PERMANENTE À PRESERVAÇÃO DA FAUNA BRASILEIRA

› STÉFANI CAMPOS CHAGAS
stefani@dc7comunica.com.br

A busca por alimentos que associem qualidade nutricional, transparência na origem dos ingredientes e responsabilidade ambiental tem influenciado o mercado pet.

Atenta a esse movimento, a PremieRpet apresenta uma nova fase de Nattu, que passa a ocupar espaço próprio em seu portfólio, ao lado de GoldeN e PremieR. "Cada vez mais responsáveis buscam naturalidade, rastreabilidade e transparência no que oferecem aos seus pets, e Nattu já respondia a essa demanda. Ao elevá-la a marca, ao lado de GoldeN e PremieR, damos a ela espaço próprio para crescer e contar essa história com clareza", afirma Felipe Mascarenhas, head de Marketing da PremieRpet.

A nova fase é marcada pelo lançamento de Nattu Wild, linha que reúne carne de frango certificada, superfoods, diferenciais de produção e uma iniciativa permanente de apoio à biodiversidade brasileira.

Com o posicionamento "É da natureza do seu pet", a proposta conecta o comportamento explorador de cães e gatos à composição dos alimentos e ao cuidado com o meio ambiente.

INGREDIENTES E CONSERVAÇÃO NATURAL. Entre os diferenciais de Nattu Wild estão a carne de frango certificada, a inclusão de superfoods e a conservação exclusivamente com antioxidantes naturais, sem BHA e BHT. As fórmulas incluem abóbora, espinafre, cúrcuma, chia e amora-preta (blackberry), selecionados por suas características nutricionais. Esses ingredientes fornecem vitaminas, minerais, fibras e compostos funcionais que, em conjunto com os demais componentes, contribuem para um perfil nutricional completo e equilibrado.

O frango provém de aves alimentadas exclusivamente com ração 100% vegetal e criadas sem uso de antibióticos, conforme os critérios informados pela PremieRpet. A produção conta com certificação de bem-estar animal QIMA WQS.

A marca também utiliza ovos cage free, vindos de galinhas criadas sem gaiolas. A carne chega congelada à fábrica e passa por recebimento, inspeção, preparo e cozimento controlados, com rastreabilidade ao longo do processo.

Para conservar os alimentos, a empresa utiliza um blend de concentrado de tocoferóis, extrato de alecrim



e extrato de chá verde. Segundo Felipe, a combinação contribui para preservar a estabilidade e a qualidade dos produtos durante sua vida útil, sem o uso de conservantes artificiais.

FORMULAÇÕES PARA CÃES E GATOS. O portfólio contempla cães adultos de portes pequeno, médio e grande, além de gatos castrados de seis meses a seis anos. As fórmulas foram balanceadas conforme as particularidades de cada espécie e faixa etária. Para cães adultos, a linha prioriza a saúde intestinal, com ingredientes de alta digestibilidade, fibras naturais e prebióticos.

A combinação de ômegas 3 e 6 com zinco é direcionada à manutenção da pele e da pelagem, enquanto o extrato de yucca contribui para reduzir o odor das fezes. Nas versões para cães de médio e grande porte, condroitina e glicosamina oferecem suporte à saúde articular.

Para gatos castrados, a fórmula combina teores moderados de calorias e gorduras com L-carnitina para auxiliar no controle do peso. Fibras de alta digestibilidade e fibra de cana-de-açúcar integram a estratégia para o manejo das bolas de pelo. Já o método SSR é empregado para auxiliar no controle do pH urinário em níveis saudáveis.

O desenvolvimento da Nattu Wild foi realizado pela equipe do Centro de Desenvolvimento Nutricional da PremieRpet e amparado por testes internos de digestibilidade e palatabilidade. Mascarenhas também destaca seus investimentos em pesquisa. "Esses benefícios são apoiados pela equipe do nosso Centro de Desenvolvimento Nutricional, por testes internos de digestibilidade e palatabilidade e pelo histórico científico da PremieRpet, que investiu R$ 165 milhões em pesquisa nos últimos 12 anos", ressalta.

Na recomendação clínica, o médico-veterinário deve considerar espécie, porte, fase de vida, condição corporal e necessidades individuais antes de indicar o alimento adequado, respeitando as indicações de cada versão.

CONSERVAÇÃO COMO COMPROMISSO PERMANENTE. Além da proposta nutricional, Nattu Wild destina parte do faturamento das vendas a projetos de conservação dos biomas e da fauna brasileira, por meio do Instituto PremieRpet. "É um compromisso permanente, uma parte da estrutura do negócio e não uma ação de campanha", pontua o executivo.



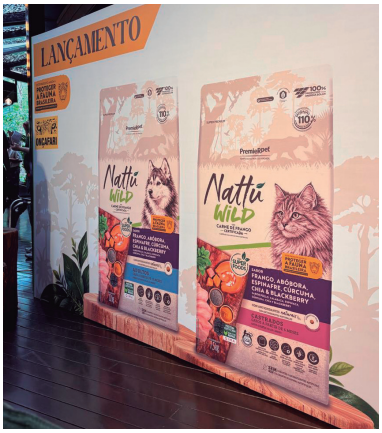
Felipe Mascarenhas, head de Marketing da PremieRpet

Ainda de acordo com Mascarenhas, o valor arrecadado pode ser acompanhado em tempo real na página oficial de Nattu, iniciativa que busca dar transparência aos recursos gerados pela comercialização dos produtos.

O primeiro projeto apoiado é desenvolvido em parceria com o Onçafari e tem como foco o lobo-guará, espécie símbolo do Cerrado ameaçada pela perda de habitat e pelo declínio populacional. Os recursos contribuirão para pesquisas que utilizam colares com GPS e amostras biológicas, apoiando estudos de ecologia do movimento e Medicina da conservação.

A iniciativa busca fortalecer o financiamento das pesquisas de campo e ampliar a continuidade das ações voltadas à preservação da espécie. Ao vincular parte das vendas ao projeto, a marca pretende estabelecer uma fonte de apoio contínuo, em vez de limitar a contribuição ambiental a uma campanha pontual.

A agenda ambiental também inclui embalagens com o selo I'm green, associado ao plástico verde de origem renovável derivado da cana-de-açúcar, compensação de reciclagem por meio da Polen, selo Carbon Free e fabricação com energia 100% solar.



A parceria com o Onçafari inaugura a frente de conservação da linha, com a perspectiva de ampliar o apoio à biodiversidade brasileira ao longo do tempo.

Assim, Nattu Wild procura integrar os atributos nutricionais dos alimentos a uma iniciativa ambiental contínua, conectando o desenvolvimento de produtos à preservação da fauna e dos biomas nacionais.

PERSPECTIVAS PARA O MERCADO PET. A PremieRpet aposta que a procura por alimentos que associem nutrição, rastreabilidade e responsabilidade socioambiental continuará crescendo. Com isso, a linha busca atender responsáveis que desejam aliar o cuidado com os animais a escolhas de consumo conscientes.

"O responsável de hoje não escolhe só pensando no cuidado com o seu pet, ele quer escolher de forma consciente. Acreditamos que essa demanda vai seguir crescendo, e Nattu Wild nasce posicionada para atendê-la", reitera Mascarenhas. ◘

Fotos: Cães&Gatos



Thomas Timm e Paulo Maiorka | Associação Brasileira de Bem-Estar Animal | www.abbea.org

ABBEA e SINDAN fortalecem capacitação em bem-estar animal

Parceria amplia oportunidades de treinamento para profissionais do setor e permite desenvolver conteúdos personalizados de acordo com as necessidades de cada empresa

O bem-estar animal vem ganhando cada vez mais espaço nas estratégias e rotinas das empresas que atuam no setor de saúde e produção animal. Para contribuir com esse movimento, a Associação Brasileira de Bem-Estar Animal (ABBEA) e o Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal (SINDAN) estabeleceram uma parceria voltada à oferta de cursos de capacitação em bem-estar animal para empresas e seus colaboradores.

A iniciativa aproxima conhecimento científico e aplicação prática, proporcionando aos profissionais uma formação que considere os desafios encontrados no ambiente de trabalho e as características de cada atividade.

Os treinamentos desenvolvidos pela ABBEA podem contemplar diferentes aspectos do bem-estar animal, como comportamento e necessidades dos animais, identificação de sinais de dor e estresse, indicadores de bem-estar, boas práticas de manejo, condução e contenção, segurança dos profissionais, enriquecimento ambiental e cuidados nas diferentes etapas da rotina.

A formação também pode incorporar conteúdos relacionados às normas e legislações aplicáveis. Em capacitações direcionadas à pesquisa e experimentação animal, por exemplo, podem ser trabalhados aspectos científicos, éticos e regulatórios, além de atividades práticas de manejo.

Um dos diferenciais da parceria é a possibilidade de personalização. A ABBEA não trabalha com uma grade curricular única e fechada: os conteúdos podem ser ajustados de acordo com o perfil da empresa, seus objetivos, público participante e realidade operacional. Assim, o treinamento pode atender desde equipes técnicas e médicos-veterinários até profissionais diretamente envolvidos no manejo dos animais.

A capacitação pode combinar momentos teóricos e práticos, favorecendo a aplicação dos conhecimentos no cotidiano profissional. O formato, a carga horária e o aprofundamento dos conteúdos podem ser definidos conforme as demandas da empresa.

Outro aspecto importante é a formalização da capacitação. De acordo com a proposta e as características do treinamento, os certificados podem contemplar informações como carga horária, conteúdo programático e qualificação dos instrutores, contribuindo para o registro e a rastreabilidade da formação dos profissionais.

Com a parceria, ABBEA e SINDAN reforçam a importância da capacitação contínua para o avanço das práticas de bem-estar animal no setor, oferecendo treinamentos alinhados à realidade e às necessidades de cada empresa. ◘

OS CERTIFICADOS PODEM CONTEMPLAR INFORMAÇÕES COMO CARGA HORÁRIA, CONTEÚDO PROGRAMÁTICO E QUALIFICAÇÃO DOS INSTRUTORES, CONTRIBUINDO PARA O REGISTRO E A RASTREABILIDADE DA FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS

Thomas Timm, presidente da Associação Brasileira de Bem-Estar Animal.
Paulo Maiorka, vice-presidente da Associação Brasileira de Bem-Estar Animal



ABHV REÚNE PÚBLICO RECORDE E REFORÇA A IMPORTÂNCIA DA GESTÃO VETERINÁRIA

COM 460 INSCRIÇÕES CONFIRMADAS, 6ª CONVENÇÃO DA ENTIDADE DESTACOU A PROFISSIONALIZAÇÃO DOS NEGÓCIOS, A SUSTENTABILIDADE FINANCEIRA E O PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO NO MERCADO DE SAÚDE ANIMAL

› STÉFANI CAMPOS CHAGAS
stefani@dc7comunica.com.br

A gestão profissional é cada vez mais determinante para a sustentabilidade de clínicas e hospitais veterinários. Esse foi um dos principais pontos evidenciados pela 6ª Convenção da Associação Brasileira de Hospitais Veterinários (ABHV), que reuniu 460 participantes, o maior público da história do evento.

Sob o tema "Conectando o hoje ao amanhã", a programação promoveu a troca de experiências entre empresários, gestores, lideranças e profissionais do setor. Para Eduardo Pacheco, médico-veterinário e diretor financeiro da ABHV e da Cooperativa de Saúde Animal (Coopvet), o crescimento da participação demonstra o amadurecimento do mercado e o reconhecimento de que a excelência técnica, embora essencial, não garante sozinha a longevidade dos negócios.

"É necessário também compreender indicadores financeiros, desenvolver equipes, aprimorar processos, investir em tecnologia e construir estratégias de crescimento", afirma.

GESTÃO ALÉM DA EXCELÊNCIA CLÍNICA. Entre os temas de maior relevância estiveram a gestão estratégica, a sustentabilidade financeira, a liderança e a eficiência operacional.

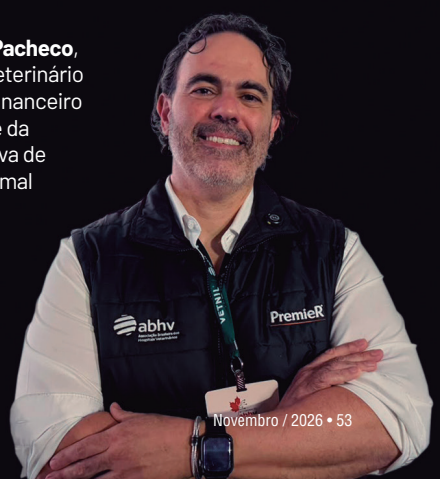
Os debates evidenciaram o desafio de conciliar a qualidade da assistência veterinária com o equilíbrio econômico das empresas, considerando custos, precificação dos serviços, retenção de profissionais qualificados e experiência dos clientes.

Segundo Pacheco, outro ponto importante é superar modelos de administração baseados exclusivamente na experiência ou na percepção individual. Para isso, clínicas e hospitais precisam adotar processos definidos, indicadores de desempenho e planejamento de longo prazo, utilizando dados para orientar decisões.

CONHECIMENTO APLICADO À ROTINA. A convenção também proporcionou oportunidades de networking, aproximação entre hospitais, clínicas, fornecedores e parceiros estratégicos, além do compartilhamento de experiências que podem contribuir para a resolução de desafios comuns.

Entre as medidas que os participantes podem incorporar à rotina estão o monitoramento de indicadores financeiros e operacionais, a revisão de custos e preços, a organização de processos internos, o desenvolvimento das equipes e a definição de metas e prioridades.

A continuidade dessas discussões integra a agenda da ABHV, que busca ampliar as iniciativas de capacitação, os encontros regionais, as atividades educacionais e a aproximação com parceiros. "Nosso objetivo é fortalecer uma comunidade de gestores e empresários cada vez mais preparada para os desafios do setor, incentivando a adoção de boas práticas, a profissionalização dos negócios e a construção de relações colaborativas", conclui Pacheco. ◘



Eduardo Pacheco, médico-veterinário e diretor financeiro da ABHV e da Cooperativa de Saúde Animal (Coopvet)

Fotos: Cães&Gatos

OS DESAFIOS DO BEM-ESTAR ANIMAL EM ZOOLÓGICOS

› **RAQUEL NAOMI TANAKA SCADUTO**



Ao longo da história, os zoológicos passaram por mudanças significativas, ampliando suas funções para além da exposição de animais selvagens. Atualmente, essas instituições desempenham um papel relevante na pesquisa científica, conservação da biodiversidade e educação ambiental, contribuindo para o conhecimento sobre a biologia, comportamento, nutrição, reprodução e a saúde das diferentes espécies.

Os animais mantidos em zoológicos possuem diferentes origens, sendo muitos provenientes de apreensões relacionadas ao tráfico ilegal, resgates ou encaminhamentos realizados por órgãos ambientais.

Em geral, esses indivíduos não podem retornar à natureza, mesmo após processos de reabilitação, devido às limitações físicas, condições clínicas ou comprometimento de habilidades necessárias à sobrevivência em vida livre. Nesses casos, a manutenção em instituições autorizadas constitui uma alternativa para garantir cuidados especializados e condições adequadas de bem-estar.

Apesar da ampliação das funções, essas instituições enfrentam críticas relacionadas à manutenção desses animais, à efetividade de suas ações de conservação e ao alcance de suas iniciativas de educação ambiental. Nesse contexto, torna-se importante avaliar as condições oferecidas aos mesmos e as contribuições efetivas de cada instituição para a pesquisa, a conservação e o bem-estar animal.

OS PILARES DO BEM-ESTAR ANIMAL. O bem-estar animal é um conceito amplo, que envolve muito mais do que a ausência de doenças ou a oferta de alimentação adequada. Sua avaliação considera as condições físicas e psicológicas, respostas ao ambiente e as oportunidades de expressar comportamentos naturais. Nos zoológicos, esses aspectos devem ser considerados de forma integrada, respeitando as particularidades biológicas e comportamentais de cada espécie.

OS 5 PILARES DO BEM-ESTAR ANIMAL

- **Liberdade de fome e de sede:** o animal deve ter acesso a água limpa e fresca e a uma nutrição adequada para manutenção da saúde.
- **Liberdade de desconforto:** o ambiente físico deve oferecer abrigo, áreas de descanso adequadas e proteção contra temperaturas extremas.
- **Liberdade de dor, lesões e doenças:** inclui a prevenção por meio de vacinas, o diagnóstico rápido e o tratamento adequado.
- **Liberdade para expressar o comportamento natural:** o espaço e as condições devem permitir que o animal corra, brinque, explore ou socialize conforme os instintos da própria espécie.
- **Liberdade de medo e de estresse:** o manejo diário deve evitar o sofrimento psicológico, o pânico ou ansiedade.

Embora esse modelo represente uma importante referência para o cuidado animal, a avaliação do bem-estar exige uma análise contínua das condições de alojamento, do manejo e das respostas individuais dos animais.

Nesse contexto, a nutrição adequada, o acompanhamento médico, a oferta de recintos compatíveis com as necessidades de cada espécie e a implementação de estratégias de enriquecimento ambiental são fundamentais.

A observação do comportamento também desempenha um papel importante, pois mudanças na atividade, na interação social, no apetite ou a ocorrência de comportamentos repetitivos podem fornecer informações relevantes sobre as condições de bem-estar.

ENRIQUECIMENTO AMBIENTAL E MANEJO. O enriquecimento ambiental é uma ferramenta importante para ampliar as oportunidades de expressão comportamental dos animais mantidos sob cuidados humanos. A prática consiste em introduzir estímulos e modificações planejadas no ambiente, buscando torná-lo mais complexo e oferecer oportunidades de exploração, escolha e realização de atividades relevantes para a espécie.

O enriquecimento físico envolve a inclusão de estruturas como galhos, plataformas, vegetação, cordas e áreas aquáticas. O sensorial utiliza estímulos olfativos, auditivos, visuais e táteis. O alimentar modifica a forma de apresentação ou a localização dos alimentos, incentivando a procura e a manipulação da comida. Já o cognitivo propõe desafios que estimulam a aprendizagem e a resolução de problemas, enquanto o social busca favorecer interações compatíveis com as características da espécie.

Existe a possibilidade de habituação, podendo perder o interesse por um estímulo oferecido repetidamente. Por isso, os programas de enriquecimento devem ser avaliados e ajustados ao longo do tempo. Mais do que realizar atividades pontuais, é necessário incorporar essas estratégias a um programa permanente de manejo e bem-estar.

ZOOLÓGICOS, CONSERVAÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL. A conservação da biodiversidade constitui um dos princípios fundamentais da atuação dos zoológicos contemporâneos, que podem contribuir para programas de reprodução de espécies ameaçadas, pesquisas científicas e manutenção de populações.

A avaliação veterinária e comportamental é essencial para determinar a possibilidade de reabilitação e reintrodução, considerando que nem todos os indivíduos apresentam »

Foto: banco de imagens C8G



condições físicas ou comportamentais para retornar ao ambiente natural.

A educação ambiental desempenha um papel fundamental na conscientização da sociedade. O contato com animais pode despertar o interesse do público pela biodiversidade e facilitar a compreensão de temas, como perda de habitat, mudanças climáticas e impactos das atividades humanas sobre a fauna.

Para que esse potencial seja aproveitado, entretanto, a visitação precisa estar associada a informações educativas consistentes e a ações que incentivem a conservação. A simples exposição dos animais não garante, por si só, uma mudança de comportamento ou uma contribuição efetiva para a proteção das espécies.

OS DESAFIOS ÉTICOS DA MANUTENÇÃO EM CATIVEIRO. A manutenção de animais selvagens em zoológicos envolve questões éticas que não podem ser ignoradas. Mesmo quando há cuidados veterinários, alimentação adequada e enriquecimento ambiental, determinadas condições do recinto podem limitar deslocamentos, escolhas, interações e outras atividades importantes para os animais.

Na perspectiva da bioética ambiental, destacam a complexidade das relações entre os seres humanos e os animais mantidos em zoológicos. Nesse sentido, não é adequado avaliar todos os zoológicos de maneira uniforme.

As condições de manejo, a estrutura dos recintos, a capacitação das equipes e os objetivos de cada instituição podem variar significativamente. Uma análise responsável deve considerar evidências sobre as condições reais oferecidas aos animais, a qualidade dos programas desenvolvidos e a contribuição efetiva para a conservação e a educação ambiental.

O PAPEL DA MEDICINA VETERINÁRIA. A Medicina Veterinária desempenha papel fundamental na promoção da saúde e do bem-estar dos animais mantidos em zoológicos, abrangendo a prevenção, diagnóstico e tratamento de doenças, acompanhamento nutricional e a avaliação das condições de manejo.

Além dos cuidados clínicos, deve incluir a avaliação do comportamento individual e das condições ambientais, permitindo identificar fatores que possam comprometer a saúde e o bem-estar dos animais.

O trabalho integrado entre médicos-veterinários, biólogos, zootecnistas, tratadores e outros profissionais permite reunir diferentes conhecimentos para compreender as necessidades dos animais e aprimorar as práticas de manejo. O registro das respostas às intervenções, a avaliação dos recintos e o acompanhamento dos indicadores de bem-estar ajudam a identificar problemas e orientar mudanças. Dessa forma, a promoção do bem-estar deve ser entendida como um processo contínuo, baseado em evidências, observação e revisão das práticas adotadas.

O enriquecimento ambiental, por exemplo, não substitui a necessidade de recintos adequados, manejo nutricional correto, assistência veterinária e condições ambientais compatíveis com as exigências biológicas de cada espécie.

PERSPECTIVAS E DESAFIOS. Os zoológicos ocupam uma posição complexa na sociedade, pois conciliam o potencial de contribuição para a pesquisa científica, a educação ambiental e a conservação da biodiversidade com os desafios relacionados às necessidades biológicas, comportamentais de muitas espécies diferentes e exigências individuais. Reconhecer essas dimensões é fundamental para uma análise crítica e equilibrada do papel dessas instituições.

A promoção do bem-estar exige mais do que atender às necessidades básicas dos animais. É necessário oferecer ambientes adequados, oportunidades de expressão comportamental, cuidados veterinários e acompanhamento contínuo das respostas individuais.

A avaliação dos zoológicos deve ir além de seus objetivos institucionais e das controvérsias que os envolvem, considerando principalmente a qualidade das condições oferecidas aos animais e a efetividade das ações desenvolvidas por cada instituição.

Nesse contexto, o compromisso com o bem-estar animal deve orientar as práticas de cuidado e estar associado a ações de conservação da biodiversidade e educação ambiental. A análise dessas instituições deve, portanto, fundamentar-se em evidências científicas, princípios éticos e na busca contínua pelo aprimoramento das condições de vida dos animais sob cuidados humanos. ◘

CONFIRA AS REFERÊNCIAS PELO QR CODE AO LADO

Raquel Naomi Tanaka Scaduto,
médica-veterinária mestre em animais selvagens pela Unesp de Botucatu.
E-mail: na.tanaka@hotmail.com;
Instagram: dranaomi.medvet



www.tejon.com.br | tejon@tejon.com.br | twitter.com/luiztejon | facebook.com/joseluiztejon

A dor da perda e o reencontro

COAUTORA: **ANA PURCHIO**

No México, há um dia especial para homenagear animais de estimação falecidos: dia 27 de outubro. Fotos, cartas, passeios e objetos afetivos podem transformar esse dia em um reencontro simbólico com quem deixou saudade.

Os mexicanos ligam-se às tradições mesoamericanas que associam cães à travessia para o além.

Acredita-se que os espíritos dos pets retornam nesta data, motivando rituais como cartas, passeios e o plantio de mudas. O costume mais expressivo é montar uma oferenda com velas, água, flores de cempasúchil (cravo de defunto no Brasil), fotos e brinquedos para acolher e guiar as almas dos animais de volta ao lar em um momento de carinho e reencontro.

Uma homenagem bonita dos mexicanos e que antecede o Día de Muertos que seguem até o início de novembro. No Brasil, o Dia de Finados é 2 de novembro!

A prática ganhou força nos últimos anos, mas dialoga com crenças muito mais antigas. Entre povos mesoamericanos, como mexicas e maias, os cães já apareciam associados à passagem entre o mundo dos vivos e o dos mortos.

É uma excelente ideia e homenagem aos pets! Aqui podemos também fazer isso e ter mais respeito por eles. Dicas que os nossos amigos mexicanos nos dão: escreva uma carta colocando aquilo que gostaria de dizer ao animal, agradecendo pela companhia; separe objetos que fizeram parte da história de vocês, uma coleira, uma plaquinha, o brinquedo preferido ou o cobertor usado pelo animal em um canto da casa.

A ideia é escolher itens associados a momentos felizes e características que representavam a personalidade do pet; refaça um passeio especial ou lugares que ficam diretamente ligados à convivência com o animal; plante algo em seu nome, uma flor, uma planta ou uma pequena árvore pode representar a continuidade desse vínculo e compartilha histórias com a família.

Cada pessoa costuma guardar lembranças diferentes de um mesmo animal. Reunir essas histórias pode trazer à tona manias, travessuras e situações que marcaram a convivência.

Mas você também pode montar um altar para seu pet que se foi aqui no Brasil. Velas acesas representam a luz do caminho, um pote ou jarra com água aparece como símbolo de acolhimento após a jornada, as flores ajudam a marcar simbolicamente a direção até sua casa e fotografias, brinquedos, petiscos e outros objetos também podem completar o espaço. A criatividade eu deixo com vocês, leitores e uma linda homenagem a quem tanto amor lhe deu sem pedir nada em troca! ◘

CADA PESSOA COSTUMA GUARDAR LEMBRANÇAS DIFERENTES DE UM MESMO ANIMAL. REUNIR ESSAS HISTÓRIAS PODE TRAZER À TONA MANIAS, TRAVESSURAS E SITUAÇÕES QUE MARCARAM A CONVIVÊNCIA

José Luiz Tejon é doutor em Educação pela Universidad de La Empresa/Uruguai, mestre em Educação Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie, jornalista e publicitário, com especializações em Harvard, MIT e PACE/USA e Insead na França. Colunista da Rádio Eldorado e Estadão On-line, autor e coautor de 35 livros. Coordenador acadêmico de Master Science Food & Agribusiness Management pela Audencia em Nantes/França e FECAP/Brasil. Professor convidado na FGV In Company, FIA/USP e INSPER. Sócio Diretor da Biomarketing e da TCA International. Ex-diretor do Grupo Estadão, da Agroceres e da Jacto S/A.

Ana Purchio é jornalista, pós-graduada em mídias sociais pelo Senac e cursando Psicologia. Trabalhou no jornal O Estado de S. Paulo, na Agência Estado, na Associação Brasileira de Agronegócio (ABAG) e atualmente é assessora de imprensa da TCA Internacional e Assessora de Comunicação da Convergência Comunicação Estratégica.

Danielle Assis | danielle@dc7comunica.com.br

DO MEIO AMBIENTE PARA O ORGANISMO DOS FELINOS

ESTUDO DETECTA PARTÍCULAS PLÁSTICAS EM TECIDOS REPRODUTIVOS DE GATOS

UMA PESQUISA publicada na revista científica *Animals* investigou a presença de microplásticos, mesoplásticos e outras partículas antropogênicas nos tecidos reprodutivos de gatos domésticos e selvagens.

O trabalho, desenvolvido por pesquisadores da University of Central Florida, nos Estados Unidos, identificou contaminantes em 71% dos 100 felinos avaliados, levantando questões sobre a exposição ambiental e seus possíveis impactos na saúde reprodutiva.

Para a investigação, foram coletadas amostras de útero e ovários de 50 fêmeas e testículos de 50 machos, divididos igualmente entre animais domésticos e selvagens. Ao todo, foram encontradas 220 partículas contaminantes, das quais 97,3% apresentavam formato de fibra. Entre as 80 partículas que tiveram a composição química validada pela análise, 25% eram plásticos, 54% correspondiam a partículas antropogênicas não plásticas e 21% eram de celulose.

A presença de partículas foi observada em 100% das amostras de útero e ovários de gatas domésticas, 80% das fêmeas selvagens, 68% dos machos domésticos e 36% dos machos selvagens.

POSSÍVEIS FONTES DE EXPOSIÇÃO. O estudo aponta que a ingestão e a inalação são as principais vias de entrada dessas partículas no organismo. Entre as possíveis fontes de exposição estão alimentos, recipientes plásticos utilizados para armazenar a alimentação, água, brinquedos e partículas suspensas no ar. Os ambientes internos, inclusive, podem apresentar concentrações elevadas de fibras plásticas provenientes de tecidos, carpetes e móveis.

Outro achado foi a associação entre o avanço da idade e o aumento da probabilidade de presença de partículas nos testículos de gatos domésticos.

Os pesquisadores concluem que são necessários novos estudos para compreender como esses contaminantes se acumulam nos tecidos reprodutivos e quais consequências podem provocar. Embora a presença de partículas tenha sido confirmada, ainda não é possível afirmar que elas causem alterações na fertilidade ou comprometam a reprodução dos felinos. ◘

Referências
QUADE, Emma; SERRATE, Madison; THANIKAIVELAN, Vageeswari Nathapettai; JOSHUA, Fnu; ZHAI, Lei; LOGIUDICE, Frank; WALTERS, Linda J. Plastic and anthropogenic particles in the reproductive tissues of feral and domestic felines. Animals, v. 16, n. 17, art. 2804, 2026. DOI: https://doi.org/10.3390/ani16172804. Disponível em: https://www.mdpi.com/2076-2615/16/17/2804



Foto: banco de imagens C&G

EPOTON ORAL

Hepatoprotetor e antitóxico

Seu pet protegido para viver novas aventuras.

À base de vitaminas e aminoácidos, **EPOTON ORAL** estimula as defesas do organismo e auxilia na recuperação de cães e gatos após a ingestão de agentes tóxicos.

- Auxilia na recuperação hepática e na proteção do organismo.
- Estimula as defesas naturais de cães e gatos.
- Fácil administração, com aroma de laranja e boa aceitação.



www.biofarm.com.br
(16) 3209-3500 | 0800 702 3551

Consulte um médico-veterinário.

BIOFARM
Tecnologia em veterinária

Elanco

PET BEM PROTEGIDO É PET CREDELIZADO

Quer deixar seus pacientes bem protegidos contra carrapatos e pulgas?
CREDELIZA ELE!



Lotilaner: molécula extrapurificada

100% dos carrapatos e pulgas **eliminados em até 8 horas**

1 comprimido = **30 dias de proteção**



Credeli™

Conte com os benefícios exclusivos da **família Credeli™** para proteção dos seus pacientes contra carrapatos, pulgas e vermes*.

TÁ PROTEGIDO, **TÁ CREDELIZADO.**

CARRAPATOS

PULGAS

VERMES

*Credeli™ Cães: carrapatos e pulgas | Credeli™ Gatos: pulgas | Credeli™ Plus: carrapatos, pulgas e vermes intestinais.

Elanco, Credeli™, Credeli™ Plus, Credeli™ Gatos e o logo em barra diagonal são marcas da Elanco e suas afiliadas. Todos os direitos reservados. PM-BR-26-0165